
JENNIFER ESTEP
Unwanted
AN ELEMENTAL ASSASSIN NOVELLA

As consequências de sua desastrosa "reunião de família" em Bitter Bite deixaram Finn se sentindo magoado, irritado e deprimido. Ele mal consegue ficar de pé olhando no espelho, e muito menos comer o delicioso churrasco do famoso restaurante Pork Pit da Gin.

Mas quando o funeral de um segurança morto em seu banco se transforma em um confronto com alguns gigantes do submundo, Finn sabe que deve agir para proteger uma família inocente.

Finnegan Lane pode ser o homem mais indesejado de Ashland atualmente, mas está determinado a tentar compensar seus erros do passado.

Unwanted

AN ELEMENTAL ASSASSIN NOVELLA

JENNIFER ESTEP

Capítulo 1

— Você mal tocou no seu churrasco.

Eu olhei para cima para encontrar Gin Blanco, minha irmã adotiva, olhando-me por cima do copo de limonada que ela estava bebendo. Mais de meia dúzia de recipientes para viagem abertos lotavam minha mesa, repleta de tudo, de salada de repolho a feijões cozidos para sanduíches de frango assado e pães sourdough[1] caseiros, tudo cortesia do Pork Pit, o restaurante que Gin herdara do meu pai, Fletcher Lane.

Toda a comida parecia e cheirava deliciosamente, especialmente o aroma rico e picante dos feijões cozidos que perfumava o ar. Gin era uma excelente cozinheira, ainda melhor do que meu pai tinha sido. Qualquer refeição dela sempre era um prazer. Quando ela chegou com a comida, quinze minutos atrás, ela insistiu em servir porções generosas de tudo em dois grandes pratos de papel, os quais ela empurrou do outro lado da mesa para mim, antes de preparar um prato para ela. Em um dia normal, eu já teria raspando ambos os pratos até limpá-los e a segundos de começar o terceiro.

Mas as coisas não estavam normais há algum tempo, e meu apetite era a menos importante.

Gin continuou me olhando, então eu coloquei um sorriso no meu rosto e peguei meu garfo de plástico, fingindo que eu estava me preparando para comer a minha comida.

---

[1] Sourdough (“massa azeda” ou pão de levedura). É um pão feito com fermento sourdough, também conhecido como fermento natural ou fermento selvagem.

— Desculpe — eu disse. — Bria preparou um enorme café da manhã esta manhã.

Gin bufou. — As únicas coisas que Bria cozinha no café da manhã são waffles torrados e aveia instantânea. Tente novamente, Finn.

Fracasso.

A detetive Bria Coolidge podia ser minha namorada, mas ela também era irmã de Gin, e Gin a conhecia tanto bem quanto eu. Sem mencionar o fato de que Gin era um pouco obsessiva quando se tratava de cozinhar. Ela provavelmente sabia exatamente o que Bria tinha estocado em sua cozinha, até a última garrafa de tempero, e poderia calcular todas as refeições que Bria poderia fazer com os ingredientes. A atenção do Gin aos detalhes era uma das coisas que fizeram dela uma excelente assassina como a Aranha.

— Bem, eu também parei e comprei alguns donuts da Cake Walk a caminho do trabalho esta manhã, — eu disse, ainda tentando afastar a conversa da minha óbvia falta de apetite. — Você sabe o quanto eu amo, amo, amo donuts. Toda aquela cobertura morna, doce, açucarada e pão macio que derrete na sua boca mordida após a mordida. É um dos alimentos mais perfeitos da natureza.

—Você já me disse muitas vezes — disse Gin. — Coisa engraçada, no entanto. Eu vi três caixas de donuts atrás do balcão dos caixas no andar de cima e, no entanto, não há donuts realmente aqui em seu escritório.

Fracasso novamente. Às vezes Gin era muito observadora para o meu próprio bem.

— Bem, eu comi os *meus* donuts no Cake Walk antes de comprar aquelas outras caixas. Você sabe como eu odeio compartilhar. — Eu soltei uma risada alta e calorosa. Pelo menos, tentei fazê-la alta e calorosa. Isso soava mais como uma coruja estridente.

— Mmm-hmm. — Gin arqueou as sobrancelhas, nem um pouco enganada por minhas mentiras, falso ânimo, e riso forçado. Mas ela parou o interrogatório sobre comida, deixou sua limonada, pegou seu sanduíche, e deu outra mordida.

Era pouco depois da uma da tarde e estávamos sentados no meu escritório no porão do First Trust de Ashland. Eu me mudei para o espaço há vários anos, depois de provar a minha coragem repetidamente como um dos principais banqueiros de investimento. Eu estava absolutamente, positivamente emocionado quando eu finalmente subi o suficiente nas fileiras para ganhar um grande escritório de canto (ainda que subterrâneo), e eu passei semanas escolhendo o mobiliário, tapetes e obras de arte perfeitos para o meu novo espaço de trabalho, juntamente com o banheiro anexo.

Minha escrivaninha de mogno antigo brilhava como bronze polido sob as luzes, assim como as duas poltronas na frente, incluindo aquela em que Gin estava sentada. O bar que corria ao longo de uma parede também era feito do mesmo rico mogno, e um sofá de couro verde que se desdobrava em uma cama confortável estava no lado oposto. Tapetes grossos em verde escuro e cinza frio estendiam-se pelo chão, enquanto quadros emoldurados cobriam as paredes de mármore cinza, mostrando algumas das minhas paisagens favoritas e lugares de férias. A foto noturna da cidade de Bigtime, New York. Uma foto aérea do parque de diversão em Cloudburst Falls, West Virginia. As ruas cobertas de neve e lojas de Cypress Mountain, Carolina do Norte. Como eu não tinha janela, as paisagens eram a minha versão de uma vista.

Eu adorava entrar no meu escritório, sentar na cadeira minha executiva, ligar meu computador, e começar a trabalhar, descobrir os melhores investimentos para meus clientes e como eu poderia proteger e aumentar seu dinheiro para eles e suas famílias.

Não mais. Não por semanas agora.

A porta estava aberta e um gigante usando um uniforme de segurança cinza parou no corredor do lado de fora e olhou para o meu escritório, o rosto dele pinicando com desconfiança.

— O que está acontecendo aqui? — Ele murmurou.

Ele pode estar fazendo a sua habitual verificação de hora em horados escritórios no porão, mas o tom plano e ranzinza do guarda revelou o que ele realmente pensava de mim: nada de bom.

Obriguei-me a sorrir para ele como se não tivesse ouvido a acusação em sua voz. — Ei, Jimmy. Está tudo bem. Apenas almoçando com minha irmã, Gin.

Os olhos escuros de Jimmy se estreitaram. — Ela está na lista de convidados aprovados? Eu odiaria dizer ao Sr. Mosley que você quebrou seus novos protocolos de segurança.

Eu cerrei meus dentes para evitar atirar de volta nele. Jimmy adoraria nada mais do que me denunciar para Stuart Mosley, o fundador do banco, e ele não era o único. Todos os funcionários queriam que eu fosse embora. O triste era que eu não podia culpá-los por sua hostilidade.

Não quando eu tinha feito seus amigos e colegas de trabalho serem mortos.

Gin também tinha percebido o tom desagradável do guarda, e ela virou a cadeira para o lado para que pudesse vê-lo melhor. — Oh, docinho — ela falou de forma arrastada. — Estou sempre na lista dos autorizados por aqui. Conte-me algo, Jimmy.

— O quê? — O guarda murmurou novamente.

— Pelo o que eu sei, o Sr. Mosley se orgulha da polidez e profissionalismo de seus funcionários. Eu me pergunto se ele iria aprovar você falando com um dos altos funcionários do banco desse jeito. E na frente de sua própria irmã, não menos. Talvez devêssemos ligar para o Sr. Mosley e perguntar a ele sobre os protocolos adequados.

Ela sorriu para ele, mas o olhar frio em seus olhos cinzentos teria congelado completamente o sangue da maioria das pessoas. Apesar do fato de que o gigante tinha quase o dobro do tamanho dela, Jimmy engoliu e recuou nervoso.

— Eu... eu não acho que seja necessário — ele falou. — Aproveite seu almoço, senhora. Você também, senhor Lane. — Jimmy assentiu para Gin e saiu correndo pelo corredor.

Gin esperou até que o eco agudo de seus passos desvanecesse antes que ela girasse a cadeira e me encarasse novamente.

— Você gostou disso — eu acusei.

— Intimidar um valentão com uma atitude ruim? Absolutamente.

Ela me deu um sorriso maroto e recostou-se na cadeira, feliz por ter defendido minha honra. Mas sua expressão satisfeita lentamente derreteu, e alguns segundos depois, ela estava me olhando de novo, preocupação vincando seu rosto bonito.

— Embora eu não tivesse que fazer isso se você se mantivesse firme — ela disse. — O que aconteceu não foi culpa sua...

Eu abri minha mão, cortando-a. — Eu realmente não quero falar sobre as opiniões negativas dos meus colegas de trabalho sobre mim agora.

Gin percebeu que ela me empurrou o suficiente, então mudou de assunto. — Lista de convidados aprovados? Eu acho que essa é outra nova medida de segurança?

Fiz uma careta e joguei meu garfo no meu prato. — Sim.

O First Trust era o banco mais exclusivo de Ashland, atendendo às necessidades sociais, mágicas, e, principalmente, monetárias da elite da cidade. Mas também era o banco sob o maior escrutínio, graças a mim.

Algumas semanas atrás, Deirdre Shaw, minha mãe há muito perdida, apareceu em Ashland, alegando que queria finalmente me conhecer, seu filho, depois de ter desaparecido nos últimos trinta e três anos da minha vida. Eu pensei que minha mãe tinha morrido em um acidente de carro quando eu era bebê, então o aparecimento dela foi uma surpresa para mim. Uma dúzia de surpresas, na verdade.

Meu pai nunca falou muito sobre ela, mas eu sempre tive curiosidade sobre minha mãe. Deirdre tinha sido tudo que eu sempre desejei – gentil, carinhosa, atenciosa, encantadora, linda. Mas mais do que isso, eu tinha visto muito de mim em sua maneira divertida, sedutora e tempestuosa, e eu pensei que nós éramos muito parecidos. Eu senti uma conexão instantânea com Deirdre, e eu de bom grado a deixei entrar em minha vida, tanto profissionalmente como pessoalmente, trabalhando com ela como cliente aqui no meu banco e a apresentando a Gin, Bria e o resto dos meus amigos e familiares.

Que idiota triste, tolo e ingênuo que eu tinha sido.

Aproximar-se de mim tinha sido nada mais do que uma trama elaborada da parte de Deirdre para obter acesso ao First Trust para que ela e Rodrigo Santos, um ladrão gigante, roubassem o banco. Deirdre não se importava comigo, um fato que ela provou da maneira mais fria possível, usando sua magia de Gelo para me queimar e me torturar quando eu não dei a ela os códigos de acesso para Big Bertha, o cofre mais seguro do banco.

Mesmo agora, semanas depois, eu ainda podia ver Deirdre aparecendo na minha frente, as chamas azul-brancas da sua magia de Gelo cintilando nas pontas dos dedos, sorrindo amplamente enquanto se inclinava para frente e soltava seu poder, congelando-me uma lenta e agonizante polegada de pele de cada vez...

— Finn? — Gin perguntou. — Você está bem?

Eu pisquei, empurrei para longe as memórias horríveis, e coloquei minhas mãos no meu colo para que ela não visse meus dedos se fecharem em punhos. — Claro.

Gin ficou olhando para mim, simpatia e compreensão piscando em seu olhar, mas eu não merecia nenhuma dessas coisas, então eu abaixei minha cabeça, peguei meu garfo, enfiei nos meus feijões cozidos, e empurrei-os na minha boca. Os feijões estavam maravilhosos, ainda mais porque Gin os tinha cozinhado no molho de churrasco secreto do meu pai, mas eles se transformaram em cinzas na minha boca.

Tudo tinha gosto de cinza fria e amarga nos dias de hoje.

Mas eu me forcei a continuar comendo, engolindo mordida após mordida, embora a comida parecesse com pesos de chumbo empilhando-se lentamente no meu estômago. Gin pegou seu próprio garfo e terminamos nosso almoço em silêncio.

Depois de engolir o máximo de comida que consegui, me afastei da mesa, levantei e comecei a colocar as tampas de volta em todos os recipientes para viagem. Gin me assistiu, mas eu ainda não olhei para ela.

— Não se preocupe — eu falei. — Isso não vai ser desperdiçado. Eu vou levar tudo para a sala de descanso dos guardas, e Jimmy e o resto

dos caras vão curtir devorar isso. Eles já me perguntaram se você faz entregas.

Mais mentiras, já que toda a comida que eu levei para a sala de descanso nas últimas semanas tinha ficado intocada e foi jogada sem a menor cerimônia no lixo. Mas eu não estava prestes a insultar Gin e a sua comida dizendo a verdade.

— Claro — disse ela. — Basta ligar para o restaurante e eu vou trazer almoço para o banco todo dia. Qualquer coisa que você precisar, Finn. Você sabe disso.

Eu fiz uma careta novamente. Eu sabia disso, e era uma das coisas que me deixou ainda mais infeliz. Eu posso ter sido enganado pelas mentiras de Deirdre, mas Gin suspeitara da minha mãe desde que a conheceu. Mas eu, sendo o idiota cego, estúpido e teimoso que era, não ouvi os avisos repetidos de Gin ou a voz irritante no fundo da minha mente.

Verdade seja dita, eu tinha sido absolutamente horrível com Gin, Bria e Jo-Jo Deveraux, ignorando todas em favor de passar tempo com a minha pseudo mãe. Mas minha estupidez egoísta não impediu Gin de descobrir o esquema de Deirdre, invadir o banco e arriscar a própria vida para me resgatar durante o roubo. Porque esse era exatamente o tipo de pessoa carinhosa, o tipo de irmã dedicada, que Gin era para mim, o idiota colossal.

E o que tornava ainda pior foi que Gin não me culpou por nada disso, apesar de Deirdre quase a ter matado duas vezes, uma vez aqui no banco e, novamente, quando Gin havia sido sequestrada por Hugh Tucker, o chefe de Deirdre. Minha irmã não gritou, nem brigou comigo. Nem sequer uma vez. Tudo o que ela fez foi me verificar todos os dias, me perguntar como as coisas estavam indo no banco, e me trazer mais comida do que um exército poderia comer.

Ela pode ser uma assassina, mas Gin Blanco era de longe a melhor pessoa que eu conhecia.

E eu falhara com ela miseravelmente.

A culpa familiar se agitou no meu estômago, mas eu a ignorei, coloquei a tampa no último recipiente de comida, e coloquei-o de lado com os outros. O movimento revelou um grande prato de doces de cristal empoleirado perto do canto da frente da minha mesa. Mas não havia balas de menta neste prato, apenas um grande colar feito de pingentes de diamante irregulares que foram encaixados para formar um coração.

A runa de Deirdre.

Gin arrancou o colar de Deirdre na noite em que eu matei minha mãe. Foi um risco tolo, especialmente desde que Hugh Tucker e seus gigantes estavam tentando matá-la na época, mas Gin queria que eu tivesse a runa de coração.

Todas essas semanas depois, eu ainda não sabia o que fazer com a maldita coisa.

No começo, eu trouxe aqui para o banco para servir como um lembrete para nunca me deixar ser um tolo sentimental, nunca mais. E certamente funcionou. Toda vez que eu olhava para a runa, um punho frio e apertado enrolava em volta do meu coração, como se Deirdre estivesse alcançando meu peito e me congelando no interior com sua magia de Gelo.

Mais de uma vez, pensei em jogar o colar no lixo, porque era exatamente o que eu tinha sido para Deirdre. Lixo. Ninguém nunca me fez sentir inútil, dispensável e tolo como ela.

Mas o mais triste foi que apesar do quanto eu odiava Deirdre, eu não conseguia descartar todos esses diamantes cintilantes. Minha ganância continuava me dominando, assim como aconteceu com ela. Ainda outra maneira que eu era parecido com a minha mãe, se eu queria ser ou não, e algo que me fez sentir como merda de novo.

Gin notou que eu estava olhando a runa, mas ela não comentou sobre isso.

— Bem — ela disse, ficando de pé, — eu deveria voltar para o Pork Pit. Silvio organizou algumas reuniões com um alguns de chefes do submundo esta tarde.

Ela fez uma careta. Os outros chefes a consideravam a chefe do submundo, embora Gin tivesse recentemente descoberto sobre Hugh Tucker e "o Círculo". O vampiro trabalhava para a sociedade secreta, que era supostamente responsável por uma boa parte do crime e da corrupção em Ashland. A Tucker revelação sobre o Círculo, junto com a bomba que a mãe de Gin, Eira Snow, estava envolvida com o grupo, consumia Gin tanto quanto minha culpa por Deirdre me devorava.

Nós dois estávamos enrolando um pouco para abrir um cofre que meu pai tinha deixado para nós e ver que pistas poderia conter sobre nossas mães e o Círculo. Eu não tinha conseguido entrar no cofre ainda, uma vez que Stuart Mosley ainda estava analisando o conteúdo das caixas, que Deirdre e sua equipe arrombaram durante o assalto. Mosley deve terminar com essas caixas em breve, e então, talvez, *finalmente*, Gin e eu poderíamos obter as respostas que ambos precisávamos.

Gin olhou para a runa de coração de pingentes de gelo novamente antes de limpar a garganta, se aproximar de mim e gentilmente apertar meu ombro.

— Vai ficar melhor, Finn — ela disse, seus olhos cinzas nos meus verdes. — Seus colegas de trabalho, os flashbacks, como você se sente sobre tudo. Talvez não hoje ou amanhã, mas algum dia vai melhorar.

Eu sabia que ela estava falando sobre si mesma tanto quanto sobre mim. Então, apesar de ser a última coisa que eu queria fazer, eu me forcei a sorrir para ela novamente.

— Claro que vai — eu menti.

Capítulo 2

Eu deixei os recipientes para viagem na sala de descanso para os guardas, mesmo que a comida provavelmente acabaria no lixo, depois levei Gin de volta para o saguão.

Para um observador casual, o First Trust parecia mais elegante do que nunca. Filetes de branco riscavam o assoalho de mármore cinza antes de subir as paredes e serpentear para o alto teto abobadado. Os candelabros de cristal em cima lançavam quentes feixes de luz, enquanto o sol da tarde entrava pelas janelas recém-lavadas, dando a todo o lobby uma sensação luminosa e arejada. Nenhum vestígio de dano permaneceu da tentativa de roubo, nem mesmo a menor marca de queimadura na parede de uma bala perdida. Tudo brilhava como se fosse novinho em folha. Porque, bem, era.

Era sexta-feira à tarde, e o banco estava cheio, com as pessoas indo e voltando pelo lobby, tentando fazer um pouco mais de negócios antes do fim de semana. Caixas trabalhavam em estações no balcão que corria ao longo da parede dos fundos, pegando depósitos e entregando recibos, enquanto os clientes se sentavam nas cadeiras e conversavam com seus banqueiros sobre empréstimos de carro, hipotecas e fundos para faculdade.

Sim, à primeira vista, tudo parecia normal, até os sorrisos dos caixas quando eles se despediam das pessoas. Mas eu trabalhava aqui há muito tempo, e eu via além do verniz bonito e polido.

Os sorrisos dos caixas eram mais tensos do que sinceros, e cada um deles mantinha uma mão abaixo do balcão, prontos para acionarem um alarme silencioso ao primeiro sinal de problema. Em vez de se concentrarem completamente em seus clientes, os banqueiros atiravam olhares desconfiados para as portas duplas, meio que esperando que ladrões invadissem o interior a qualquer momento e começassem a atirar. E então havia os guardas gigantes, dois em cada esquina, oito homens no total, todos com as mãos em suas armas, constantemente observando todos entrando e saindo do saguão. Todos os trabalhadores estavam tensos e no limite, com uma dose saudável de raiva fervente – tudo direcionado diretamente para mim.

Os caixas, os banqueiros, os guardas. Seus olhos se estreitaram, e seus olhares afiados e acusadores se concentraram em mim no segundo que eu entrei no saguão com Gin. Eu endireitei meus ombros, levantei meu queixo e acenei educadamente para todos, mesmo que cada olhar azedo, hostil e desconfiado fosse como um soco no meu estômago. Todo mundo sabia que minha mãe havia tentado roubar o banco, e a maioria das pessoas achava que eu estive envolvido nisso. Que eu fiquei parado naquele dia, deixei Deirdre e Rodrigo Santos entrarem no banco e matar todos os guardas sem levantar um dedo para tentar detê-los.

Claro, isso não era verdade. Eu lutei com Santos e sua equipe, mas eles rapidamente me dominaram, executaram os guardas e me arrastaram até o porão, para que Deirdre tentasse arrancar as senhas do cofre de mim. Eu teria dito aos meus colegas de trabalho exatamente o que tinha acontecido, mas nenhum deles se incomodou em perguntar sobre isso. Seus amigos estavam mortos e eu não, então eu era culpado, culpado e culpado.

Mesmo entre as poucas pessoas que me deram o benefício da dúvida, eles me viam como um idiota sem noção que não percebeu que sua própria mãe estava enganando-o, não era melhor.

Eu preferia muito mais ser odiado a terem pena de mim.

Pensar na minha própria estupidez fez um rubor quente e envergonhado aparecer no meu pescoço, mas eu coloquei um sorriso no

meu rosto e caminhei, ignorando os sussurros cruéis que surgiram no meu rastro. Ninguém queria que eu continuasse trabalhando aqui, e eu ouvi mais de uma conversa sobre o porquê eu não pedia logo demissão. As pessoas saíram do seu caminho para evitar qualquer contato comigo, como se eu fosse um gato preto que ia dar azar a eles se nossos caminhos se cruzassem. A única maneira de conseguir que as pessoas se comunicassem comigo, mesmo sobre negócios bancários importantes, era através de e-mail. Mesmo assim, todas as respostas eram concisas e objetivas. Sem conversas educadas, sem histórias engraçadas sobre os clientes, nem mesmo um vídeo de gato bobo agora.

Eu olhei para trás do balcão dos caixas, me perguntando se a minha última oferta de paz de donut tinha sido aceita. Mas todas as caixas estavam fechadas e empilhadas exatamente na mesma posição de quando eu deixei esta manhã. Era um dia triste, quando você não podia subornar com açúcar as pessoas para serem civilizadas com você.

Sim, era oficial. Eu, Finnegan Lane, era o homem mais odiado de Ashland.

Gin pegou a vibração hostil e irritada, e ela olhou para as pessoas, desafiando-as a fazer algum comentário sarcástico sobre mim. Eu a amava por querer me proteger, mas ser observado junto de uma notória assassina não ia exatamente ajudar minha popularidade.

Um homem deu um passo à minha frente. Eu estava tão ocupado tentando passar por essa última caminhada da vergonha que eu quase caí direto em suas costas. No último segundo, consegui me segurar.

Ele me viu com o canto do olho, parou e se virou para mim. O homem era um anão, um pouco mais de um metro e meio de altura, com um corpo forte e atarracado, cabelos prateados e ondulados e um rosto com um nariz adunco que parecia ter sido quebrado várias vezes.

Eu estremeci. Eu quase trombei com Stuart Mosley, meu chefe, alguém com quem eu estava andando em gelo muito fino nos dias de hoje.

E ele não estava sozinho. Mosley estava escoltando pelo lobby uma mulher esbelta em um terninho preto e saltos. Seu cabelo castanho

escuro estava puxado para trás em um coque, mostrando suas maçãs do rosto altas e adorável pele bronzeada, embora seus olhos cor de avelã estivessem vermelhos e inchados, como se estivesse chorando. Eu a reconheci também: Isabelle Vargas, a viúva de Peter Vargas, um dos guardas gigantes que foram assassinados durante o assalto ao banco.

A visão dela quase me derrubou de joelhos.

— Ah, aí está você, Finn — disse Mosley em sua voz profunda e retumbante. — Eu tenho certeza que você se lembra da Sra. Vargas. Sra. Vargas, aqui é Finnegan Lane.

Mesmo que eu não quisesse mais nada que abaixar a cabeça e fugir, acenei educadamente para ela. — Claro. Sinto muito pela sua perda, Sra. Vargas.

Raiva brilhou em seus olhos, e seus lábios vermelhos se apertaram em uma linha fina em seu rosto bonito. Ela sabia exatamente quem eu era – e que eu era responsável pela morte do marido dela. Mas em vez de gritar maldições para mim do jeito que ela tinha todo o direito, ela me deu um aceno curto e agudo em retorno e baixou o olhar para o chão, como se ela não pudesse nem olhar para mim.

Eu não a culpava. Eu mal podia me olhar no espelho.

Gin se aproximou de mim em uma demonstração silenciosa de apoio. Ela acenou para Mosley, que inclinou a cabeça de volta para ela antes de voltar para mim novamente.

— Sra. Vargas e eu estávamos reunidos para falar sobre a apólice de seguro de vida de seu marido — disse Mosley. — Eu estava dizendo a ela que o pagamento deverá ser feito a qualquer momento.

Uma coisa que eu sempre admirei em Stuart Mosley era quão bem ele cuidava de seus funcionários. Mesmo que o First Trust nunca tenha chegado perto de ser roubado com sucesso antes de Deirdre aparecer, Mosley tinha percebido que sempre era um alvo em potencial, e então ele se certificou de que todos os seus funcionários, especialmente os guardas, tinham altas apólices de seguros de vida que iriam prover a subsistência das suas famílias, caso acontecesse alguma coisa com eles.

Muitas dessas apólices tinham sido descontadas ultimamente, graças a mim.

— Eu apreciaria se conseguisse o dinheiro o mais rápido possível — disse Isabelle Vargas em um tom baixo, voz tensa. — Eu tenho algumas... contas que preciso pagar, e eu não tenho trabalhado por causa disso... — A voz dela sumiu, e ela piscou várias vezes, segurando uma nova onda de lágrimas.

— Claro — murmurou Mosley. — Vou ligar para você assim que receber o dinheiro. E, claro, todos nós estaremos no funeral mais tarde para prestar nossas homenagens. — Ele fez uma pausa. — Nós não vamos, Finn?

Não era um pedido.

— Sim, senhor. Claro, senhor.

Assim como com Gin, Stuart Mosley não gritou ou brigou ou me repreendeu por quão completamente eu destruí seu banco e sua reputação. Ele nem sequer ameaçou me demitir. Nem sequer uma vez. Ele apenas se certificou de que eu percebesse as consequências devastadoras de colocar minha confiança tola em Deirdre, e uma das maneiras que ele fez isso foi me fazer comparecer aos funerais de todos os guardas assassinados. Eu teria feito isso de qualquer maneira, desde que eu conhecia e era amigável com todos eles. Mas estar de pé em seus túmulos, observando suas famílias chorarem e ver seus caixões descerem lentamente no chão frio e congelado...

Era a pior parte dessa coisa toda.

Saber que pessoas inocentes estavam mortas por minha causa e que suas famílias sofreriam a dor de sua perda para o resto de suas vidas era pior do que a traição de minha mãe, pior do que sua tortura brutal, pior do que decepcionar Gin, Bria e o resto dos meus amigos.

Se Deirdre estivesse aqui, eu a teria estrangulado com minhas próprias mãos e a matado novamente por toda a mágoa que ela causou.

Sentindo minha montanha russa de emoções, Gin colocou a mão no meu ombro. Mas com Mosley assistindo como um falcão, ela também

percebeu que isso era assunto do banco agora, algo que eu precisava cuidar.

— Vou deixar vocês conversarem — disse ela. — Vou te mandar mensagens depois das minhas reuniões. Ok, Finn?

Eu me obriguei a sorrir para ela novamente. — Ok. Obrigado novamente pelo almoço.

Gin apertou meu ombro, acenou para Mosley e Isabelle, então se dirigiu para as portas duplas, passou por elas e deixou o banco.

Um caixa se apressou e puxou Mosley para o lado, sussurrando para ele sobre algum problema e deixando-me em pé no meio do saguão com Isabelle. Todos os outros caixas, banqueiros e guardas ficaram olhando para nós, imaginando se Isabelle começaria a gritar comigo. Outras pessoas fizeram isso, tanto aqui no banco quanto nos funerais de seus entes queridos. Eu queria que ela gritasse comigo. Eu merecia isso. Eu merecia toda a sua raiva, desgosto e ódio, e mais um pouco.

— Eu preciso ir — ela finalmente murmurou, ainda sem olhar para mim. — Eu tenho coisas para fazer antes do... funeral. — Sua respiração engatou na última palavra, e eu poderia dizer que ela estava lutando contra um soluço.

A culpa apunhalou meu intestino novamente, tão afiada e dolorosa quanto uma das facas de silverstone de Gin.

— Finn — Mosley falou. — Eu preciso cuidar disso. Por favor, acompanhe a Sra. Vargas para fora.

Outro não pedido.

— Sim, senhor. Claro, senhor.

Isabelle abriu a boca como se ela fosse dizer de jeito nenhum, que ela era perfeitamente capaz de sair sozinha, e que ela não me queria a menos de cento e sessenta quilômetros dela. Mas no final, seus ombros caíram, e ela apenas suspirou, assentiu e se dirigiu para as portas, triste demais para discutir sobre uma coisa tão pequena quando tantas outras coisas maiores, mais importantes, muito mais dolorosas estavam diante dela.

Nós atravessamos o lobby em silêncio. Os outros funcionários ainda nos observavam com muita atenção, esperando que Isabelle gritasse todas as coisas horríveis que estavam secretamente pensando de mim. Quando isso não aconteceu, eles lentamente perderam o interesse e voltaram para seus próprios clientes e para o trabalho.

Abri uma das portas duplas para ela e saímos. O sol estava brilhando, mas o ar de dezembro ainda estava frio, e o vento tinha uma picada particularmente dura e amarga. Isabelle não estava vestindo um casaco, ela estremeceu e colocou os braços em volta de si. Eu comecei a tirar o meu paletó para oferecer a ela, mas ela percebeu o que eu estava fazendo e se esquivou, ainda não querendo ter nada a ver comigo.

Engoli minha culpa, coloquei a mão no bolso da jaqueta e tirei um dos meus cartões de visita. — Se você precisa de alguma coisa, qualquer coisa, por favor, me ligue. Dia ou noite, não importa.

Seus lábios se curvaram e ela olhou para o cartão como se fosse uma cascavel. — Eu não quero sua ajuda.

— Eu sei, mas se você precisar de alguma coisa...

— O que eu preciso é do meu marido de volta. — Sua voz era suave e triste, sem sequer uma sugestão de acusação, o que era pior do que se ela tivesse começado a gritar comigo.

Ela estava certa. Nada que eu pudesse fazer traria seu marido de volta. Eu lentamente abaixei minha mão e o cartão ao meu lado, enquanto mais facas de culpa cortavam meu estômago, cortando de todas as maneiras.

Um grande SUV preto e caro parou no meio-fio, e Isabelle ficou tensa, parecendo ainda mais miserável do que antes, mas ela não fez nenhum movimento para se aproximar do veículo em marcha lenta.

— Esse é sua carona? — Eu perguntei.

— Sim.

Ela hesitou outro momento, depois se arrastou devagar pelos degraus do banco até o veículo.

A porta traseira se abriu e um homem saiu do carro. Ele era um gigante, aproximadamente dois metros de altura, com um corpo forte e

musculoso e uma impressionante juba de cabelos negros. Seu terno cinza escuro era ainda mais caro do que o meu, e grandes anéis de ouro cravejados de diamantes brilhavam em cada um dos dedos dele.

É claro que os anéis do tamanho de pepitas de ouro estragaram absolutamente o resto de seu visual elegante e sofisticado. Usar joias de homem berrante com um terno tão clássico e sob medida era uma *faux pas*[2] de proporções épicas. Ainda assim, eu franzi a testa e estudei o gigante atentamente. Algo sobre todos aqueles anéis de ouro parecia familiar, como se eu tivesse ouvido falar de alguém com essa escolha de estilo infeliz, mas eu não conseguia lembrar quem.

Isabelle foi até o gigante, que cruzou os braços sobre o peito e olhou para ela com menosprezo. Ele murmurou algo que eu não pude ouvir, e ela mordeu o lábio e balançou a cabeça. Os olhos dele se estreitaram, e seus lábios se enrugaram, indicando que ele não gostou da resposta dela. Ele olhou para ela por alguns mais segundos antes de apontar o polegar por cima do ombro, dizendo-lhe para entrar no carro.

Isabelle passou lentamente pelo homem e subiu na traseira do SUV, desaparecendo de vista. O gigante percebeu que eu estava olhando para eles, e ele olhou para mim, seu olhar azul pálido passando sobre mim da cabeça aos pés.

— Belo terno — ele falou. — É um original da Fiona Fine?

— Sim — eu respondi. — Mas não é tão bom quanto o seu.

— Você está certo. Não é tão bom quanto o meu. — Ele estendeu a mão e ajustou sua cara gravata de seda cinza, embora já estivesse perfeitamente no lugar. — Da próxima vez, faça um favor a si mesmo. Seja um homem de verdade, e não seja mão de vaca com os seus trajes.

Mão de vaca? Meu traje me custou mais de três mil. Não foram os cinco mil como o dele, mas também não tinha saído de uma lixeira. Raiva jorrou através de mim por seu aviso casual, mas antes que eu pudesse abrir minha boca para retrucar, o gigante balançou os dedos para mim

[2] Significa gafe, deslize, erro de etiqueta

em um adeus zombeteiro, fazendo seus anéis de ouro brilharem. Então ele se virou, deslizou para a parte de trás do SUV, e fechou a porta.

O veículo se afastou do meio-fio e entrou no fluxo do tráfego do centro, deixando-me fumegando na calçada. Não apenas com o gigante, mas também comigo mesmo. Eu não podia fazer nada direito nos dias de hoje, nem sequer pensar em um resposta mordaz para colocar um idiota pomposo em seu lugar.

E a atitude de desprezo do gigante não foi a única coisa que me incomodou. Eu posso não ser um autêntico assassino como Gin, mas papai tinha me treinado junto com ela, e eu tinha vivido em Ashland tempo suficiente para reconhecer problemas quando eu via. E esse cara era um problema com um P maiúsculo.

Puxei meu celular do bolso da calça, apontei-o para a traseira do SUV e tirei uma foto da placa. Eu descobriria exatamente quem era esse gigante e, mais importante, o que ele estava fazendo com Isabelle.

A raiva vazou lentamente de mim, substituída por uma crescente sensação de pavor e melancolia, e não havia nada mais a fazer além de encarar o inevitável.

Suspirando, voltei para o banco para me preparar para o funeral de outro homem inocente.

Capítulo 3

Mosley ainda estava falando com o caixa, embora ele olhou para mim enquanto eu passava por ele. Eu assenti para o anão, então fiz o melhor que pude para ignorar os olhares hostis de meus colegas de trabalho. Eu voltei para o meu escritório, fechei a porta e vesti meu traje fúnebre preto, junto com uma camisa cinza escura e uma gravata preta.

Eu me encarei no espelho do banheiro. Cabelo castanho escuro, olhos verdes, rosto bonito, corpo musculoso, terno não tão barato. Eu parecia o mesmo de sempre, e não restaram cicatrizes da brutal e prolongada surra que Rodrigo Santos me deu ou as queimaduras de Gelo branco-azul que Deirdre tinha espalhado por todo meu corpo.

Não do lado de fora, de qualquer maneira.

As queimaduras de Gelo podem ter desaparecido, mas apenas o pensamento delas fez meus olhos tremerem, minhas palmas suarem, e meu estômago revirar. Lembrei-me de onde ela colocou cada marca na minha pele, quão horrivelmente elas tinham doído e, o pior de tudo, o quanto minha mãe tinha gostado de me torturar. Eu estremeci, afastei meu olhar do espelho, e saí do banheiro.

Havia mais uma coisa que eu precisava fazer antes de sair para o funeral. Eu fui até a minha mesa, sentei na minha cadeira, peguei meu telefone fixo e apertei um dos botões de discagem rápida. A chamada completou, e ela respondeu no segundo toque.

— Olá, linda — eu disse lentamente.

— Olá, bonito. — A voz leve e cadenciada da Detetive Bria Coolidge soou no telefone. — Como você está? Gin me disse que você tem outro funeral esta tarde.

— Sim.

Apesar de Peter Vargas e os outros guardas terem morrido durante o assalto ao banco algumas semanas atrás, a polícia só havia recentemente liberado seus corpos para suas famílias. Então, todos os serviços funerários e enterros ocorreram nos últimos dias, com o de Peter sendo o último.

— Finn? — Bria perguntou. — Você está bem?

Eu fiz uma careta. Gin e Bria estavam cuidando de mim nos últimos dias, com Gin vindo para o banco para o almoço e Bria levando o jantar para mim à noite, ou vice-versa. Mesmo quando elas não estavam por perto, as duas ainda estavam falando e mandando mensagens sobre mim, debatendo como eu estava lidando com tudo, e planejando maneiras de me animar. Eu sabia que elas queriam o meu bem e que tudo fazia parte do seu plano de "Fazer o Finn se sentir melhor sobre seu colossal erro", mas seu cuidado e preocupação só me fizeram sentir pior. Especialmente desde que eu tinha tratado as duas tão mal quando Deirdre estava por perto.

— Estou bem. Na verdade, eu queria saber se você poderia me fazer um favor e verificar uma placa — eu disse, mudando de assunto e abrindo meu e-mail no celular. — Eu estou lhe enviando a foto agora.

— Claro — disse Bria. — Está tudo bem?

— Oh, provavelmente não é nada — eu menti. — Apenas um carro que vi parado do lado de fora do banco. Mas Mosley me pediu para conferir, e eu não posso decepcionar o grande chefe novamente, agora, posso? — Eu tentei fazer o meu tom provocante e despreocupado, mas até eu podia ouvir a tensão na minha voz.

— Ok — disse Bria. — Dê-me apenas um segundo.

Através do telefone, eu podia ouvi-la digitando, junto com os murmúrios distantes de outras conversas na delegacia de polícia.

— Consegui — ela disse alguns segundos depois. — Aquele SUV está registrado para Bartholomew Wilcox. Eu vi esse nome antes. Ele não é algum tipo de agenciador de apostas? Já ouviu falar dele?

Oh, eu ouvi falar dele sim. Bart, o açougueiro. Esse tinha sido seu apelido quando ele era um boxeador profissional, e tinha permanecido, mesmo depois de sua aposentadoria do ringue. Agora ele era um poderoso agenciador de apostas que dirigia uma grande operação de apostas e apostaria em qualquer coisa e emprestaria dinheiro a qualquer um – desde que você o pagasse de volta com juros de cinquenta por cento.

E se você não pagasse em tempo hábil, bem, Bart gostava de receber sujar as mãos. Ao invés de matar as pessoas, ele tinha uma reputação de ser um sádico que gostava de incapacitar as pessoas – e então exigir juros de setenta e cinco por cento como uma "taxa de serviço" por precisar te espancar.

Eu deveria ter percebido quem ele era no segundo que eu vi todos aqueles anéis de ouro feios brilhando em seus dedos. Não tanto bugigangas espalhafatosas quanto seu próprio conjunto personalizado de soco inglês. Bartholomew Wilcox era problema, tudo bem, o tipo mais perigoso.

Mas a verdadeira questão era: o que Isabelle Vargas estava fazendo com um gângster da pesada como aquele?

— Finn? — Bria perguntou. — Você ainda está aí?

— Sim, estou aqui. Apenas fazendo uma anotação. Agora que você mencionou, o nome parece familiar. Eu acho que ele tem algumas contas aqui no banco. Então não é nada, como eu pensei.

— Sim. Nada. — Descrença coloriu a voz de Bria, mas ela não me pressionou por respostas. Em vez disso, ela mudou o tópico. — Você quer que eu vá para a sua casa hoje à noite? Depois que você voltar do funeral?

A última coisa que eu queria fazer era ir a outro funeral, muito menos ver alguém depois disso, mas Bria estava apenas tentando ajudar, da mesma forma que Gin estava com suas caixas de churrasco.

— Claro — eu disse. — Isso seria bom. Vou mandar uma mensagem para você quando terminar o dia. Talvez demore um pouco,

no entanto. Mosley provavelmente encontrará algo para eu fazer aqui no banco depois.

— Ok. Falo com você mais tarde. Eu amo você, Finn.

A sinceridade intensa e calorosa em sua voz foi outro soco no meu estômago. Assim como Gin, Bria havia arriscado sua vida ao invadir o banco para me salvar, e ela tinha me apoiado desde então, apesar de todas as vezes que eu a ignorei quando Deirdre estava viva.

— Eu também te amo — eu disse com uma voz rouca. — Eu tenho que ir agora.

— Eu sei, querido — ela sussurrou de volta. — Eu sei.

Nós desligamos. Suspirei e afundei de volta na minha cadeira, olhando para o espaço escuro e vazio debaixo da minha mesa. Quando eu era criança, eu costumava me esgueirar no escritório do meu pai em casa, me enrolar debaixo da velha e desgastada mesa de madeira, e ler meus quadrinhos por horas a fio. Eu fingia que era meu próprio forte, meu esconderijo secreto, onde ninguém jamais poderia me encontrar. Agora, eu queria ser aquele garoto feliz e despreocupado novamente, enrolar debaixo desta mesa e fingir que as últimas semanas nunca aconteceram.

Mas eu não conseguiria fazer isso. Goste ou não, isso era tudo culpa minha, e eu ia enfrentar cada segundo disso, incluindo o funeral de Peter Vargas.

Eu fiquei de pé, abotoei meu paletó preto, peguei meu longo casaco preto da prateleira no canto, e sai do meu escritório.

* * *

O banco estava fechando cedo para o funeral. Os outros trabalhadores estavam andando juntos em grupos de dois e três, mas eu estava sozinho quando entrei no meu carro, liguei o motor e saí de uma garagem próxima.

Deixei as movimentadas ruas do centro para trás e dirigi para a parte mais rural de Ashland até chegar ao Cemitério Blue Ridge. Eu guiei

meu carro para a fila de veículos entrando no cemitério, parei ao lado da estrada de acesso, e estacionei na grama, junto com todos os outros.

Saí do meu carro e segui as outras pessoas para o túmulo. Várias filas de cadeiras dobráveis de metal foram arrumadas na frente de um caixão prateado com um lindo arranjo de rosas vermelhas e brancas acima dele. Uma foto de Peter Vargas estava apoiada ao lado do caixão, e eu olhei para o rosto do homem morto. Cabelo preto, olhos castanhos, sorriso amigável. Peter e os outros guardas não mereciam ser assassinados só porque eu fui estúpido o suficiente para confiar na pessoa errada. Eu deveria ter sido o único deitado naquele caixão. Eu teria sido, se não fosse por Gin, Bria e o resto dos nossos amigos. Mas aqui estava eu ainda acima do solo, enquanto Peter estava prestes a ser abaixado para sempre nele. Uma onda gelada de culpa surgiu através do meu corpo, me entorpecendo de dentro para fora.

Além de ser benquisto no trabalho, Peter tinha sido bem respeitado na comunidade, envolvido em todos os tipos de atividades, incluindo o voluntariado como treinador para várias equipes esportivas infantis. Mais de duzentas pessoas apareceram para o funeral, e as cadeiras em frente ao caixão se encheram rapidamente. Todos falavam em vozes suaves e tristes, dizendo que era uma pena que uma pessoa tão boa, decente e trabalhadora tivesse ido embora antes de seu tempo.

Eu concordava de todo coração com eles, embora não tenha participado de nenhuma das conversas. Ninguém queria falar comigo. Além disso, os bancários estavam me dando olhares mais hostis do que nunca, então decidi que a melhor coisa a fazer era ficar sozinho à direita do caixão, longe dos outros.

Um murmúrio percorreu a multidão e Isabelle Vargas apareceu. Ela ainda estava usando a mesma calça preta e saltos que ela usava no banco, junto com um longo casaco preto. Ela tinha refeito a sua maquiagem, mas seus olhos estavam ainda mais vermelhos do que antes, e eu podia dizer que ela esteve chorando de novo.

Um homem que parecia com Peter andou ao lado de Isabelle, escoltando-a para a cadeira central na primeira fila. Ele era irmão de

Peter e eu pensei em minhas conversas com o guarda, tentando lembrar seu nome. Veio para mim alguns segundos depois. Paul Vargas.

Mas a pior parte foi a outra pessoa andando ao lado de Isabelle, um menino de cerca de três anos de idade. Leo, filho de Peter.

Ele também parecia com seu pai, com um cabelo bagunçado e grandes olhos castanhos. Leo segurou a mão da sua mãe, a cabeça girando para frente e para trás enquanto ele olhava para todas as pessoas em volta da sepultura e do caixão. Uma careta franziu o rosto minúsculo, e era óbvio que ele realmente não entendia o que estava acontecendo e por que todo mundo estava tão triste e quieto.

Isabelle sentou-se, pegou Leo e colocou-o no colo, beijando-lhe a testa, alisando seu cabelo, e abraçando-o com força, assim como uma mãe amorosa deveria fazer. Emoção entupiu minha garganta, e por um momento, eu não consegui respirar. Tudo o que eu queria era uma chance de conhecer minha mãe e tudo o que ela tinha me dado em retorno tinha sido dor, mágoa, sofrimento e morte.

Leo olhou para todas as pessoas novamente, depois sorriu, se animou e apontou para o retrato ao lado do caixão. — Papai!

Aquela palavra inocente quebrou meu coração.

E deve ter feito o mesmo com Isabelle, porque ela levou a mão à boca e sufocou um soluço. Ela rapidamente enxugou algumas lágrimas que corriam por suas bochechas, inclinou-se para a cabeça e sussurrou algo para Leo. O garoto se contorceu e descansou a cabeça no peito dela, e Isabelle começou a balançá-lo para frente e para trás, tentando acalmá-lo e a si mesma.

O funeral aconteceu da maneira de sempre. O ministro dizendo orações e oferecendo palavras de conforto, pessoas olhando solenemente para o caixão, amigos e familiares enxugando lágrimas de tristeza. Eu só fiquei ali, muito frio e entorpecido para fazer qualquer outra coisa. Eu não conseguia nem chorar. Eu não tinha o direito de chorar. Não quando Peter estava morto por minha causa.

O serviço durou apenas vinte minutos, embora parecesse uma eternidade. O ministro disse uma oração final e inclinou a cabeça para Isabelle.

— Isabelle gostaria de convidar a todos para ir a sua casa para uma celebração da vida de Peter —disse o ministro em uma voz solene. — Haverá comida e bebidas, e Isabelle apreciaria ouvir histórias e memórias de Peter.

Meu coração se contorceu e olhei através da multidão de enlutados para Stuart Mosley, temendo o que eu veria. Com certeza, o anão me deu um aceno de cabeça, um sinal claro de que ele esperava que eu fosse para a reunião, embora eu não seria melhor recebido lá do que eu fui aqui. Mas não era um pedido, então eu suspirei e acenei de volta.

Uma linha se formou na frente do caixão, com cada pessoa pegando uma rosa do arranjo e se despedindo de Peter. Isabelle foi primeiro, segurando a mão de Leo novamente, Paul logo atrás dela. Lágrimas escorriam pelo seu rosto, enquanto ela olhava para o retrato do marido; mas ela endireitou os ombros, agarrou a mão de seu filho um pouco mais apertado, e se dirigiu para a multidão de enlutados, aceitando suas condolências e bons votos.

Isabelle olhou para mim enquanto caminhava, certamente pensando que eu era apenas outra pessoa que tinha vindo prestar seus respeitos. Quando ela percebeu quem eu era, seus lábios se curvaram com desgosto, enquanto ainda mais lágrimas cascateavam pelo rosto dela. Ela andou para longe de mim, gentilmente puxando o filho em seu rastro.

Paul Vargas também sabia exatamente quem eu era. Ele também me deu um olhar enojado, enquanto seguia sua cunhada e a ajudava a entrar em um carro que esperava. E ele não foi o único. Praticamente todas as pessoas, exceto Stuart Mosley, me deram um olhar furioso quando deixaram o túmulo e se dirigiram para seus veículos, mas ergui meu queixo e me mantive firme aceitando o ódio, o desgosto e o desprezo deles.

Eu merecia isso.

A multidão diminuiu rapidamente e logo eu era o único que restara no túmulo. Eu engoli um duro nó de culpa em minha garganta, caminhei até o retrato de Peter e estudei seu rosto sorridente novamente.

Peter Vargas tinha sido um cara legal que amava sua família mais do que qualquer outra coisa. Ele sempre comprava livros, chocolates e outros pequenos presentes para Isabelle, só porque ele queria fazer algo de bom para sua esposa. Ele ficou tão orgulhoso quando Leo nasceu, e ele me mostrou dezenas de fotos de seu filho ao longo dos anos. Desde que Bria e eu nos juntamos, Peter sempre brincou comigo, dizendo que era hora de eu começar minha própria família. Eu ri e disse a ele que talvez algum dia.

Todos os alguns dias de Peter acabaram.

Ele tinha uma família, e ele foi tirado deles. Ele nunca mais compraria um presente para Isabelle ou leria para o filho dele uma história de ninar ou faria qualquer uma das outras pequenas coisas atenciosas que faziam uma família, bem, uma família.

Bile azeda e quente subiu na minha garganta pela injustiça da situação, mas eu engoli. Eu não podia me sentir triste ou sentir pena de mim mesmo. Não mais. Nunca mais.

Em vez disso, olhei para o retrato de Peter, meu olhar fixo no seu distante e congelado. — Eu farei tudo o que eu puder para cuidar de sua família, — eu disse em uma voz rouca. — É o mínimo que posso fazer por você.

Foi a mesma promessa que eu fiz nas sepulturas de todos os outros guardas que foram mortos durante o assalto ao banco. E assim como com todos os outros, isso não me fez sentir melhor. Peter e os outros guardas ainda estavam mortos, e nada do que eu dissesse ou fizesse mudaria isso ou tiraria a dor e o pesar de suas famílias.

Mas era tudo que podia fazer. Então eu assenti para o retrato de Peter pela última vez e deixei o túmulo, carregando minha culpa e mágoa comigo, do jeito que eu sempre faria agora.

Capítulo 4

A casa dos Vargas era uma bela casa de dois andares em uma nova subdivisão, não muito longe do salão de beleza da Jo-Jo Deveraux. Ela estava situada no topo de uma pequena colina no final de um beco sem saída, a primeira casa a ser concluída no bairro, embora a estrutura de outras duas casas tivesse sido erguida nas proximidades. Todos os outros já haviam chegado, preenchendo o beco sem saída, e eu tive que estacionar no final da rua atrás de um SUV preto.

Comecei a sair do carro, mas parei e olhei para o veículo em frente ao meu. Eu peguei meu telefone e abri a foto que tirei do SUV do lado de fora do banco hoje mais cedo. Sem dúvida, a placas combinavam. Bart, o açougueiro, estava aqui.

Eu fiz uma careta. Stuart Mosley examinou cuidadosamente todos os guardas do banco, certificando-se de que eles não tinham quaisquer maus hábitos ou vícios que poderiam afetar seu desempenho no trabalho ou comprometer a segurança do banco. Peter Vargas trabalhava no banco há anos e estava completamente limpo de cima a baixo. De jeito nenhum Peter estava envolvido com alguém tão obscuro como Bart Wilcox, mas aqui estava o agenciador de apostas, mesmo assim, na casa do homem logo após o seu funeral.

Eu não era insanamente paranoico como Gin, mas era óbvio que algo estava acontecendo aqui... algo ruim.

Eu tamborilei meus dedos no volante, pensando. Então saí do carro, dei a volta para a parte de trás, e abri o porta-malas, revelando

várias caixas pretas. Eu olhei ao redor, certificando-me de que ninguém estava na rua me observando, depois abri um estojo, tirei uma arma carregada e coloquei-a no bolso o meu casaco, junto com um clipe extra de munição.

Levar uma arma para um encontro de enlutados era de mau gosto? Absolutamente. Mas em Ashland, sempre era melhor prevenir do que remediar, até mesmo em um funeral.

Fechei o porta-malas, tranquei o carro e fui em direção à casa dos Vargas.

Era a típica casa suburbana, pintada de um azul claro e alegre, com persianas brancas e um largo alpendre branco. A garagem anexa também era azul, com uma porta de metal branco que estava erguida, mostrando uma minivan e um sedan dentro, os veículos de Isabelle e Peter. Eu pisei no gramado e subi a colina em direção aos degraus da varanda da frente...

Crunch.

Meu pé escorregou em algo duro e de metal, e eu tive que estender meus braços para não cair de bunda. Demorei alguns segundos para recuperar meu equilíbrio. Eu olhei para baixo para ver que eu tinha pisado em um caminhão de bombeiros de brinquedo vermelho brilhante meio escondido na grama grossa. Um par de bombeiros de plástico estava ao lado dele, junto com a pequena figura de um dálmata sorridente. Ainda mais brinquedos, desde de bolas de futebol de espuma a bichos de pelúcia para blocos de construção, estavam espalhados por todo o quintal. Lembretes cruéis de um menino que não tinha mais pai para brincar com ele.

Eu cuidadosamente passei sobre o caminhão de bombeiros, caminhei pelo resto do gramado, e subi os degraus da varanda. Através das amplas janelas panorâmicas, eu podia ver pessoas se movendo dentro da casa, comendo, bebendo e falando sombriamente. Mais culpa e tensão surgiram através de mim, amarrando meu estômago em nós. Este era o último lugar que eu queria estar, mas Mosley insistiu, então

eu alcancei a maçaneta eu poderia entrar e prestar meus respeitos a Isabelle de novo...

— Você disse que teria meu dinheiro hoje — uma voz baixa rosnou.

— E eu vou! Eu juro que vou! — Outra voz, mais alta e mais chorosa, entrou na conversa. — Só vou tê-lo amanhã em vez disso. Ou em um dia ou dois no máximo.

Eu conhecia uma extorsão quando ouvia uma. As vozes vinham do outro lado da varanda, então me afastei da porta da frente e me dirigi naquela direção, andando devagar para que ninguém ouvisse meus sapatos batendo contra as tábuas de madeira. Cheguei ao final da varanda, parei, e espiei pela esquina.

Bart, o Açougueiro, estava encostado na grade da varanda branca, ainda de terno cinza escuro, com os anéis de ouro brilhando no sol de inverno. Dois capangas gigantes, também de terno cinza, flanqueavam-no, braços cruzados nos peitos em suas melhores poses de intimidação. Mas Bart não precisava deles para intimidar ninguém.

Ele era muito ameaçador por conta própria.

E ele estava ameaçando Paul Vargas.

Paul estava em pé na frente do outro gigante, deslocando-se para trás e para frente e fazendo as tábuas rangerem sob seu peso. Bart deu-lhe um olhar duro e plano que fez Paul recuar lentamente para longe dele.

— *Amanhã, amanhã, amanhã* — disse Bart, fazendo sua voz uma imitação alta e zombeteira de Paul. — Isso é tudo que você me diz. Estou cansado dos *amanhãs*. Eu quero o dinheiro que você me deve, Paulie – *hoje*. Ou haverá consequências. Consequências muito dolorosas.

O olhar sombrio de Paul caiu para os anéis de ouro brilhando nos dedos de Bart. Ele engoliu e deu outro passo para trás. Pelo menos, ele tentou. Ele já estava pressionado contra o lado da casa, então não havia lugar algum para ele ir.

Paul percebeu que ele não iria receber nenhuma simpatia do outro gigante, então sua cabeça foi para a esquerda, olhando para alguém que

eu não conseguia ver. — Diga a ele, Izzy. Diga a ele que terei seu dinheiro amanhã.

Um suspiro suave soou, e Isabelle Vargas apareceu, entre seu cunhado e seu agenciador. — Eu te disse antes, quando você me pegou no banco. Stuart Mosley disse que o dinheiro da apólice de seguro de vida de Peter será liberado a qualquer momento. Assim que eu o tiver, eu vou pagar você. Eu prometo.

— Engraçado, mas é a mesma coisa que o Peter disse — Bart respondeu. — Ele me disse há um mês que ele iria fazer uma segunda hipoteca sobre esta casa para pagar as dívidas de jogo de seu irmãozinho. Mas isso nunca aconteceu.

— Porque ele foi assassinado — Isabelle retrucou, apertando as mãos em punhos. — Não porque ele não iria continuar com isso. — Seu corpo tremeu com o sofrimento renovado, e as lágrimas brilhavam nos olhos dela, mas ela piscou de volta.

Bart soltou uma risada baixa e feia. — A viúva enlutada. Ah, isso não é tão doce? Pelo menos você realmente se importava com o seu marido. Pena que Paulie não se sente da mesma maneira sobre seu saudoso irmão.

Isabelle franziu a testa. — O que você quer dizer?

Bart encolheu os ombros maciços. — Quero dizer que o Paulie aqui ainda tem me enviado mensagens esse tempo todo, desde que Peter foi morto no banco, fazendo mais apostas naqueles jogos de futebol e times de esporte fantasy [3] que ele ama tanto e perdendo mais dinheiro. Ora, ele até me ligou bem cedo esta manhã, antes do funeral, perguntando sobre os jogos de domingo.

Surpresa e raiva acenderam nos olhos de Isabelle, e ela se virou para Paul. — Você prometeu a Peter que você iria parar dessa vez. Você me prometeu!

— Mas, Izzy — disse Paul, sua voz subindo em outro gemido alto. — Eu estava apenas tentando reconquistar o dinheiro de Peter para você.

---

[3] Conhecido no Brasil como Fantasy Game é um tipo de jogo online onde os participantes escalam equipes imaginárias ou virtuais de jogadores reais de um esporte profissional.

Eu olhei para todas as estatísticas, e eu tenho um confronto neste fim de semana que é certo...

A mão de Isabelle disparou e ela deu um tapa no rosto dele. A boca de Paul se abriu, provavelmente para falar um pouco mais sobre como ele simplesmente não poderia perder dessa vez.

Isabelle deu um tapa nele de novo, antes que ele pudesse pronunciar uma única palavra.

Seu cunhado cambaleou para trás, com a mão subindo para as marcas vermelhas brilhantes em sua bochecha, como se ele não pudesse acreditar que elas estavam lá. Ele abriu a boca novamente.

— Não se atreva a dizer uma palavra para mim agora — Isabelle rosnou, apontando o dedo para ele. — Nem uma única palavra.

Paul fechou a boca lentamente e recuou outro passo, fora de alcance.

Bart riu novamente. — Parece que temos um pouco de fogo aqui. Agradável.

Isabelle olhou para o cunhado por mais um momento, então encarou Bart novamente, seus ombros caíram com resignação cansada. — Quanto ele te deve agora?

O agenciador de apostas casualmente coçou o queixo, como se estivesse correndo os números em sua cabeça, embora ele já soubesse a quantia exata até o último centavo. — Oh, eu acho que a apólice de seguro de vida de Peter deve ser suficiente para cobrir isso. — Ele sorriu. — Juntamente com o dinheiro que você receber pela venda desta sua bela casa.

O rosto de Isabelle empalideceu. — Você não pode levar a nossa casa também. Meu filho e eu não temos para onde ir. Por favor, eu estou te implorando...

Bart se afastou da grade da varanda e começou a estalar os dedos, fazendo todos aqueles anéis de diamante em seus dedos brilharem com uma luz fria e sinistra. — Tem uma coisa que você deve saber sobre mim, Sra. Vargas. Eu absolutamente *odeio* pedintes. Eles só me fazem querer bater neles muito mais forte.

Por vários segundos, o único som foi o estalido das juntas do gigante, cada um alto como um tiro soando pela varanda, cada um fazendo Isabelle se encolher de medo, pavor e compreensão.

Bart finalmente baixou as mãos para os lados, embora continuasse olhando para Isabelle. — Você tem até o fim do dia para conseguir meu dinheiro.

— Ou? — Ela sussurrou.

O gigante sorriu, mostrando os dentes como um animal prestes a atacar sua presa. — Ou vou me certificar de que a única coisa em que Paulie possa apostar é por quanto tempo ele estará comendo suas refeições com um canudo. Confie em mim quando eu digo que será um longo, longo tempo.

Sua ameaça foi entregue, Bart sacudiu a cabeça para seus dois capangas, que permaneceram em silêncio durante todo o confronto. Juntos, os três se afastaram de Isabelle e Paul e se dirigiram para minha extremidade da varanda.

Não havia tempo para eu entrar na casa, então eu dei a volta na esquina, fingindo que tinha vindo em busca de Isabelle.

— Oh. Aí está você, — eu chamei, acenando para ela. — Eu estive procurando por toda parte por você, Sra. Vargas.

Bart parou bem na minha frente, me dando uma rápida olhada. O reconhecimento surgiu em seus olhos. — Ei, é o cara do terno barato de novo.

— Sim. Este sou eu.

O gigante aproximou-se ainda mais de mim e se abaixou, de modo que seu rosto estava bem ao lado do meu. — Bem, talvez você não devesse bisbilhotar, Sr. Terno Barato. Pode ser perigoso para a sua saúde.

Minha mão escorregou no bolso do meu casaco e enrolou em torno da arma lá, pronto para atirar nele se ele viesse até mim. — Obrigado pela dica — eu disse lentamente. — Eu vou manter isso em mente.

O gigante não gostou do meu tom sarcástico, e ele me encarou, tentando me intimidar da mesma forma que ele tinha feito com Paul, mas

eu olhei de volta para ele. Eu enfrentei coisas muito piores do que Bart, o Açougueiro, minha mãe sendo uma delas.

Depois de vários segundos tensos, Bart estendeu a mão, tirou um pequeno pedaço de fiapo do meu casaco e casualmente jogou fora, uma mensagem clara de que ele poderia fazer a mesma coisa comigo. Meu olhar caiu para os anéis de ouro em sua mão, e ele recuou e balançou os dedos para mim em um movimento zombeteiro.

— Bem, pelo menos o seu casaco é melhor do que o seu terno e suas maneiras — Bart retumbou. — Se cuida, Sr. Terno Barato.

O gigante dirigiu deliberadamente seu ombro para o meu, quase me derrubando com sua enorme força. Seus dois valentões sorriram e passaram por mim. Os três desceram os degraus da varanda e atravessaram o quintal, indo em direção ao seu SUV no final da rua.

Eles voltariam hoje à noite, assim como Bart, o Açougueiro, havia prometido.

* * *

Dentro da casa, os enlutados estavam comendo, bebendo e conversando, inconscientes do drama na varanda. Isabelle, Paul e eu vimos o SUV preto dar a volta no beco sem saída antes de dirigir de volta pela rua e desaparecer de vista.

Isabelle soltou um suspiro tenso e colocou os braços ao redor de si mesma, mas ela não conseguiu segurar um arrepio de medo que ondulou através de seu corpo.

Paul se virou para ela. — Izzy, me desculpe, eu não te disse antes, mas se eu puder apostar nos jogos este fim de semana, prometo que posso ganhar de volta o dinheiro de Peter...

Ela virou e bateu a palma da mão em seu peito, derrubando-o para longe dela. — Saia da minha vista, — ela rosnou. — Agora mesmo. Antes que eu ligue para Wilcox e diga a ele para ir em frente e chutar o seu traseiro miserável e mentiroso.

— Mas, Izzy... — ele começou novamente, ainda implorando para ela.

— Saia! — Ela sibilou, empurrando-o com as duas mãos agora. — Saia! Saia! Saia!

Paul tropeçou para longe dela, mas, mesmo assim, ele não saiu. — Mas eu sou sua família. Eu prometi a Peter que eu cuidaria de você e do pequeno Leo se alguma coisa acontecesse com ele...

Isabelle apontou o dedo para ele. — Você não é minha família. Não mais. Você é um jogador degenerado que se recusa a conseguir ajuda. Me deixa doente pensar em todo o tempo, energia e dinheiro que Peter gastou pagando suas dívidas e enviando-o para a reabilitação repetidamente, quando é óbvio que você não quer melhorar. Ele era um bom homem, sempre colocando as outras pessoas antes de si mesmo. Bem, adivinhe? Eu não sou tão boa quanto ele, e não vou deixar você arrastar meu filho e eu contigo. Eu pagarei o máximo possível de sua dívida com Wilcox, já que Peter teria desejado isso. Mas você está por conta própria a partir deste momento. E você nunca mais voltará aqui. Você me entendeu?

Paul olhou para ela com uma expressão estupefata.

— Você me entendeu? — Isabelle sibilou novamente.

— Sim, eu entendi você, tudo bem. — O rosto do gigante endureceu em um sorriso feio. — Você sempre foi uma cadela arrogante que achava que ela era melhor do que todos os outros. Eu nunca entendi o que Peter viu em você de qualquer maneira...

Eu me aproximei, segurei a orelha esquerda do gigante e a puxei para trás e para baixo o mais forte que pude. Paul gritou de dor, mas eu o tirei do equilíbrio, e ele não conseguiu afastar meu agarre apertado e contundente sem causar-se ainda mais dor, algo que ele era muito fraco para fazer.

— A senhora pediu-lhe para sair — eu disse. — Eu sugiro que você faça isso. Agora mesmo. Antes que eu passe na frente de Wilcox e comece a bater em você.

Eu soltei sua orelha e empurrei-o para longe. Paul me deu um olhar assassino, como se ele estivesse pensando em dar um soco em mim,

mas eu olhei para ele da mesma maneira que eu fiz com Wilcox. Depois de alguns segundos, quando ele percebeu que eu não estava intimidado por sua estrutura alta e gigante, ele se endireitou e puxou seu terno.

— Tudo bem — ele murmurou. — Terminei aqui de qualquer maneira.

Ele olhou para Isabelle e para mim uma última vez, virou-se e desceu os degraus da varanda e passou pelo gramado. Ele ligou uma velha picape enferrujada e se afastou do meio-fio tão rápido quanto podia, fazendo seus pneus careca guincharem em protesto.

— Boa viagem — eu murmurei, e me virei para Isabelle. — Você está bem?

Ela olhou para mim como se eu tivesse acabado de dizer a coisa mais estúpida de todas. Talvez eu tenha.

— Olha — eu disse. — Eu ouvi o que Wilcox disse sobre você pagar as dívidas de aposta de Paul, e eu sei que você não quer perder sua casa ou o dinheiro do seguro de vida. Eu posso te ajudar com isso, com tudo isto. Tudo o que você precisa fazer é confiar em mim.

Isabelle riu, mas foi um som áspero e amargo. — Como Peter confiava em você? Como todos os outros guardas que foram assassinados confiavam em você? Peter me contou tudo sobre você e como você estava feliz pela sua mãe há muito desaparecida estar de volta à cidade. Ele achava que ela era um pouco boa demais para ser verdade. Assim como todos os outros no banco, mas, como era sua mãe e todos pensavam que você era um cara tão bom, eles deixaram passar. Peter confiava em você, Finnegan Lane, e o que ele recebeu em troca? Uma bala na cabeça. Então, me perdoe se não tenho pressa em cometer o mesmo erro que meu marido fez.

Cada palavra que ela dizia era como um punhal em meu coração, mas eu me forcei a afastar minha culpa e vergonha e me concentrar nela.

— Sinto muito pelo que aconteceu com Peter e todos os outros guardas — eu disse. — Sinto tanto que você nunca vai saber. E você está absolutamente certa. Foi minha culpa, meu erro, e eu tenho que viver

com isso pelo resto da minha vida. Mas eu posso te ajudar agora. Por favor, por favor, deixe-me ajudá-la.

Ela olhou para mim, lágrimas frescas brilhando em seus olhos, seu rosto apertado com preocupação, medo e pavor. Por um momento, ela parecia estar vacilando, mas seus lábios pressionaram em uma linha dura e fina, e ela sacudiu a cabeça.

— Esqueça isso — ela retrucou. — Eu não preciso da sua ajuda. Mais importante, não *quero* sua ajuda. eu posso cuidar de mim e do meu filho. Agora, tenho convidados para cuidar. Tenho certeza de que você pode encontrar a saída sozinho.

Isabelle me deu mais um olhar zangado, em seguida, virou a esquina da varanda, abriu a porta da frente, e voltou para dentro de sua casa cheia de enlutados.

Capítulo 5

Eu assisti através das janelas quando Isabelle atenuou sua expressão de raiva e passou pela multidão de enlutados, educadamente assentindo e graciosamente aceitando suas condolências. Eu realmente não fui para dentro da casa, no entanto. Isabelle estava lidando com o suficiente agora sem ser lembrada de que eu estava ainda aqui.

Em vez disso, eu fiquei na varanda e repassei nossa conversa em minha mente, junto com tudo que ouvi ela e Paul dizerem para Bart Wilcox e seus capangas.

Isabelle não queria minha ajuda. Bem. Eu poderia entender isso, e provavelmente teria feito e dito exatamente as mesmas coisas se eu estivesse no lugar dela. Eu não teria sido tão legal em me dizer para dar o fora como ela tinha sido.

Mas ela ia conseguir minha ajuda de qualquer maneira.

O marido dela estava morto por minha causa, e o cunhado dela era um perdedor chorão e petulante que a colocou nessa bagunça. Por um momento, pensei em rastrear Paul Vargas e fazer bom uso da minha ameaça de chutar sua bunda. Isso lhe serviria bem, e poderia até me fazer sentir melhor.

Talvez mais tarde. Neste momento, eu tinha um gigante maior e mais malvado para me preocupar: Bart, o Açougueiro.

Ele estaria de volta esta noite, assim como ele disse a Isabelle, e ele não ficaria feliz com o dinheiro que ela pudesse ser capaz de juntar nesse meio tempo. Paul não voltaria para liquidar sua dívida, o que

deixava apenas Isabelle e Leo para Bart soltar sua ira. A mãe e o filho já haviam sofrido o suficiente, e eu não iria deixar o agenciador de baixo nível colocar nem mesmo um dedo em qualquer um deles.

Enquanto os enlutados ficavam lá dentro e tentavam oferecer o conforto que podiam para Isabelle, eu desci os degraus da varanda e andei pelo perímetro da casa, olhando para tudo, desde os brinquedos no quintal da frente, para o balanço de pneu no carvalho ao lado da garagem, para a floresta que flanqueava a parte de trás da casa.

A família não tinha um cachorro, o que era bom. Cães faziam barulho, o que era algo que eu queria evitar mais tarde esta noite. Melhor ainda, a subdivisão era tão nova que a casa de Vargas era a única terminada, o que significava que não haveria nenhum vizinho intrometido espiando pela janela, perguntando o que eu estava fazendo.

Depois que terminei meu exame, entrei na garagem, pois a porta ainda estava levantada. Era o seu típico espaço, com dois carros estacionados lado a lado e caixas de plástico cheias de roupas velhas, ferramentas, decorações de natal e outras tralhas alinhadas nas paredes. Eu tentei a porta que levava para a casa. Destrancada. Aposto que ficava sempre destrancada, já que a maioria das pessoas só se preocuparia em proteger a porta da garagem, pensando que seria o suficiente para mantê-los seguros.

Mas não seria suficiente, não quando Bart, o Açougueiro, estava envolvido.

Isso estava bem, no entanto. Porque eu ia me certificar de que o agenciador gigante nunca mais incomodasse Isabelle e o filho dela novamente.

Eu comecei a voltar para fora, mas a maçaneta girou e a porta se abriu atrás de mim. Stuart Mosley entrou na garagem e fechou a porta atrás de si.

— Sim, senhor? — Perguntei.

Mosley cruzou os braços sobre o peito. — Eu vi você espreitando do lado de fora. Você vai realmente entrar na casa e prestar seus respeitos a Sra. Vargas? Ou você vai se esconder aqui na garagem o tempo todo?

Eu fiz uma careta. — Eu falei com Isabelle na varanda da frente mais cedo. Ela deixou bem claro que não quer que eu coloque um pé dentro da casa dela. Confie em mim, ela não me quer aqui, e nem ninguém.

— Verdade — disse Mosley. — Mas você precisa estar aqui. Você precisava ver isso, Finn. Cada segundo disto.

Eu esfreguei minhas mãos sobre o meu rosto, tentando me livrar da dor repentina nas têmporas. — Se você está tentando me fazer sentir culpado, você não precisa. Acredite, eu estou cheio de culpa tudo por minha conta. Vergonha, constrangimento, auto aversão. Estou repleto de toda emoção ruim que existe.

Meu chefe olhou para mim, seus olhos cor de avelã afiados e brilhantes em seu rosto marcado, mas eu não sabia o que ele estava realmente pensando. Mosley tinha uma cara de poker melhor do que qualquer um que eu já conheci, incluindo Gin e meu pai. Apesar de todos os dias que se passaram desde o assalto ao banco, eu ainda esperava que ele começasse a gritar comigo a qualquer segundo – antes de ele me demitir, me bater em uma polpa sangrenta, e então pessoalmente me arrastar pelo lobby e me expulsar de seu amado banco. Em vez disso, Mosley apenas ficava olhando para mim, seu rosto perfeitamente em branco, mantendo seus pensamentos e sentimentos para si mesmo.

— Bem, se você já prestou seu respeito à Sra. Vargas, eu suponho que você pode sair agora — ele finalmente disse. — Embora eu espere você no banco mais tarde hoje à noite. Eu ainda tenho alguns cofres para classificar e você pode me ajudar com isso. Trabalharemos até que tudo esteja terminado hoje à noite, não importa quanto tempo leve.

Não foi um pedido, e eu acenei para ele. — Sim, senhor. Eu estarei lá.

Mosley olhou para mim por mais um momento, depois voltou para dentro da casa, fechando a porta atrás dele e me deixando sozinho na garagem com a minha culpa.

* * *

Terminei minha inspeção da casa e da área ao redor, entrei no meu carro e saí. Mas eu não fui ao banco, ao Pork Pit ou até ao meu apartamento. Por uma ou duas horas, pelo menos, eu queria ir em algum lugar que não me lembraria de Deirdre, o quanto ela me enganou, e quantas pessoas estavam mortas por causa dos meus erros.

Então, fui até um café nas proximidades para verificar minhas mensagens e matar algum tempo. Gin e Bria me mandaram uma mensagem, perguntando como o funeral tinha ido. Eu mandei uma mensagem de volta, dizendo que eu ainda estava na casa de Vargas e entraria em contato com elas mais tarde. Eu tomei uma xícara de café, mesmo que não fosse o forte de chicória que eu amava, e me obriguei a engolir, junto com um pedaço de torta de mirtilo dura e seca. Eu não estava com vontade de comer, e tudo tinha gosto de cinzas, assim como o almoço saudável de Gin mais cedo, mas eu precisava ficar alerta e manter minha força para o que estava por vir hoje à noite.

Depois que eu terminei meu café, eu estava muito inquieto para sentar na loja, então eu entrei no meu carro e voltei ao Cemitério Blue Ridge. Os trabalhadores tinham terminado de colocar o caixão de Peter no chão, e tudo que restava eram as rosas vermelhas e brancas espalhadas pela terra fria. Logo elas também iriam murchar e morrer.

O pensamento me deprimiu, mas fiquei no túmulo de Peter por vários minutos, pagando silenciosamente respeito novamente e pensando sobre o que eu ia fazer hoje à noite. Meu plano era simples, realmente: fazer com que Bart, o Açougueiro, recebesse a mensagem para deixar Isabelle em paz para sempre.

Por qualquer meio necessário.

Uma vez que terminei no túmulo de Peter, fui para outro – o do meu pai.

Fletcher Lane estava escrito na lápide, junto com as datas de seu nascimento e morte. Era um túmulo muito menor do que alguns com anjos maciços, torres e lajes ornamentadas de pedra que se erguiam de muitos outros túmulos. A única coisa que era notável era que a lápide de

Gin estava bem ao lado, com sua runa de aranha, junto com a data de sua suposta morte no começo do ano. O pensamento de como Gin tinha enganado Madeline Monroe em pensar que ela estava morta trouxe um fantasma de um sorriso no meu rosto, mas rapidamente se desvaneceu e me concentrei novamente na lápide de papai.

Um pequeno pote de molho de churrasco estava empoleirado no topo do túmulo, me dizendo que Gin esteve aqui recentemente, sussurrando seus segredos para papai e qualquer outro fantasma que quisesse ouvir. Eu estendi a mão, tirei o recipiente de vidro da pedra, e o enfiei no bolso do meu casaco. Ela sempre trazia um pote de molho para o velho, e eu sempre o pegava, só para fazê-la pensar que papai estava recebendo os presentes dela no além. Era uma tradição boba da minha parte, mas eu achava que a ilusão fazia Gin se sentir um pouco melhor, como se papai não estivesse completamente perdido para ela. Isso me fez sorrir também, mas a expressão rapidamente escorregou do meu rosto novamente.

Meu olhar passou pela lápide de papai e subiu a colina até onde Deirdre estava enterrada. Por anos, o caixão dela esteve vazio, embora papai tivesse deixado todos, inclusive eu, pensar que ela estava morta e descansando em paz lá em cima. Ele até me levou ao cemitério algumas vezes quando eu era criança para colocar flores em seu túmulo, nunca deixando transparecer que ela não estava realmente lá.

Bem, ela estava definitivamente enterrada lá agora, graças a mim.

Eu coloquei três balas na minha mãe para salvar Gin, incluindo um tiro de morte no coração gelado dela. Depois que o legista liberou o corpo de Deirdre, Gin perguntou se eu queria fazer um funeral para ela, mas eu disse que não. Naquele momento, eu só queria que minha mãe estivesse morta e enterrada de verdade – para sempre. Eu só queria *esquecer* Deirdre fodida Shaw e todas as mentiras que ela contou, de uma vez por todas.

Mais fácil falar do que fazer.

Afastei meus pensamentos turbulentos, agachei-me e concentrei-me novamente na lápide de papai.

— Bem— eu disse, — tenho certeza de que você sabe tudo o que aconteceu. Quanto eu estraguei tudo. Todo mundo certamente faz.

Claro, papai não me respondeu. Mas pela primeira vez em dias, ninguém estava por perto, não havia Gin empurrando comida para mim ou Bria me dando olhares de compaixão. Ninguém estava tentando se certificar de que eu estava bem, e eu senti que podia respirar um pouco mais fácil do que antes. Ou talvez fosse só porque ninguém estava por perto para me encarar com olhos acusadores, cheios de lágrimas, me dizendo que eu era a causa de toda sua dor, sofrimento e mágoa.

— Eu sei que você está decepcionado comigo — eu disse, arrancando uma folha de grama marrom do chão e girando na minha mão. — Que eu não aceitei o aviso do Gin – *seu* aviso – sobre Deirdre. Que eu não escutei Gin quando ela me contou sobre aquela carta que você deixou para ela. Eu deveria ter escutado, e também a você. Eu sempre vou me arrepender disso. Eu só queria que você tivesse dito a Gin para me dar aquela outra carta assim que Deirdre chegou à cidade. Aquela que você escreveu para mim. Mas você estava esperando que Deirdre tivesse mudado, não estava? Você queria que eu desse uma chance a ela. Agora, as pessoas estão mortas por causa da tua esperança e da minha tolice. E não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Não há nada que eu possa fazer para consertar isso.

As emoções aumentaram em mim novamente, tão frias, amargas e cáusticas como sempre. A culpa, a vergonha, a decepção esmagadora com o fato de que Deirdre tinha apenas me usado o tempo todo. Meu peito apertou e meus pulmões pareciam dois pedaços de Gelo elemental no meu peito, como se tivessem sido congelados pela magia da mãe. Mas eu fechei meus olhos e me forcei a respirar lenta e profundamente, controlando a onda de emoções até que elas diminuíram para um nível mais administrável.

Abri os olhos e olhei para a lápide de papai. — Mas acima de tudo, eu queria que você ainda estivesse aqui, então eu poderia te dizer o quanto sinto muito. Por não apreciá-lo mais quando você estava vivo. Por não perceber o quanto você sempre cuidou de mim, me protegeu, me

amou. Eu sou o homem que sou hoje por causa de você, e eu sempre serei grato por isso, meus erros e tudo mais.

As últimas palavras saíram como um sussurro suave e rouco, e o vento assobiou pela colina, varrendo-as para longe. Mas eu sabia que meu pai as ouvira, onde quer que ele estivesse. E eu sabia o que gostaria que eu fizesse agora. Era a mesma coisa que ele teria feito se ainda estivesse aqui.

Eu estendi a mão e coloquei na lápide, sentindo o frio da pedra afundar na minha pele. Mas, ao contrário da magia de Gelo de Deirdre, esse frio não me incomodou. Se alguma coisa, me aterrou e limpou a minha mente. Talvez até meu coração também. Eu tracei meus dedos sobre o nome dele, então fiquei de pé.

— Eu voltarei em breve e falaremos um pouco mais — eu disse. — Mas agora, eu tenho um encontro quente com um gigante perigoso.

Eu inclinei minha cabeça para sua lápide mais uma vez antes de deslizar minhas mãos nos bolsos do casaco e ir embora.

Capítulo 6

Voltei para o meu carro e abri o porta-malas, preparando-me para enfrentar Bart, o Açougueiro.

A primeira coisa que fiz foi tirar meu casaco e terno, apesar do fato de que estava apenas cerca de um grau negativo. Eu sabia que qualquer confronto com Bart terminaria apenas de um jeito – sangrento – e eu não queria estragar minhas roupas, mesmo que elas não fossem tão boas quanto as do gigante. Tremendo, eu abri o zíper de uma mochila e rapidamente coloquei um suéter de gola alta preto, juntamente com uma calça preta e botas. Uma jaqueta de couro preta acrescentava um pouco mais de calor necessário, junto com uma toca de lã preta.

Eu chequei minha arma, certificando-me de que ainda estava pronta para disparar, coloquei um silenciador no final do cano, e enfiei no bolso do meu casaco. Isabelle podia não ter vizinhos próximos, mas eu ainda queria minimizar qualquer ruído que eu pudesse fazer durante o meu confronto com o Bart. Uma vez que isso foi feito, eu deslizei alguns clipes extras de munição no outro bolso do meu casaco, junto com um conjunto de soco inglês. Bart tinha seus anéis de ouro, e eu queria algo para nivelar o campo de jogo.

Embora se chegasse a uma briga, Bart provavelmente me espancaria até a morte, dada a sua força de gigante muito maior. Não era o pensamento mais alegre, mas eu estava muito comprometido para recuar agora. Então eu fechei o porta-malas, entrei no carro e voltei para a casa dos Vargas.

Era pouco depois das seis horas quando estacionei no outro lado da rua, bem longe da casa. A maioria das luzes estava acesa, embora os carros que haviam se alinhado na rua tivessem desaparecido. Os enlutados tinham ido para casa, de volta para suas próprias vidas, deixando Isabelle sozinha com seu filho e sua dor. De vez em quando, eu via Isabelle através das janelas na frente da casa, lentamente movendo-se de sala em sala, jogando fora copos e pratos sujos, alinhando cadeiras e outros móveis, e guardando todas as caçarolas, saladas de macarrão e outras comidas que os enlutados haviam deixado para trás.

Eu nunca entendi porque as pessoas traziam comida quando alguém morria. Claro, era um gesto legal, mas eu nunca senti vontade de comer nada depois de ter perdido alguém que amava, especialmente no dia do enterro. Mas eu supus que era uma tradição e uma maneira de as pessoas sentirem que estavam fazendo algo útil para você, em vez de ficar parado e com pena de você.

Embora ainda fosse cedo, o sol se pôs e a escuridão se espalhou pela terra. O único poste de luz estava em frente à casa dos Vargas, mas o brilho dourado dele não era o suficiente para afastar a escuridão.

Eu sentei no meu carro e esperei. Bart dissera que voltaria no final do dia para pegar o dinheiro, e eu estava apostando que não demoraria muito mais para ele aparecer. Mesmo sabendo que Isabelle não tinha o dinheiro dele, o gigante estaria ansioso para voltar e intimidá-la – ou pior. Para ele, bater nas pessoas, machucá-las, incapacitá-las, era quase tão bom quanto conseguir seu dinheiro. Seria certamente mais divertido para um bastardo doente como ele.

Meu telefone tocou com mais alguns textos de Gin e Bria e um de Stuart Mosley perguntando onde eu estava, desde que eu não tinha aparecido no banco ainda. Fiz uma careta e mandei uma mensagem para Mosley primeiro, dizendo que eu tive problemas com o carro e estaria lá o mais rápido possível. Era uma desculpa totalmente esfarrapada e eu sabia que ele iria ver através dela, mas se ele finalmente me demitisse, que assim seja. Proteger Isabelle e seu filho era mais importante do que qualquer outra coisa agora, incluindo o meu trabalho.

Eu também mandei uma mensagem para Gin e Bria, dizendo-lhes que estava tudo bem e que eu estava indo para o banco ajudar Mosley. Eu poderia ter dito a elas onde eu estava e o que estava fazendo, e ambas teriam se oferecido para vir e me apoiar. Talvez eu devesse ter pedido a ajuda delas, dado o quão perigoso Bart era. Mas eu decidi não fazer isso. Elas já passaram por muitas coisas nas últimas semanas, especialmente Gin, que quase morreu duas vezes por minha causa.

Além disso, essa era a minha bagunça, minha responsabilidade e eu queria – *precisava* – cuidar disso sozinho. Eu precisava fazer algo certo pelo menos uma vez, depois de fazer tantas coisas erradas com Deirdre.

Eu tinha acabado de guardar meu telefone quando um par de faróis apareceu no meu espelho retrovisor e um familiar SUV preto passou pelo meu carro, estacionou na calçada em frente à casa e parou. As portas se abriram, e Bart Wilcox saiu do veículo, junto com os dois homens que estavam com ele antes.

Ao contrário de mim, Bart ainda estava vestido com seu terno cinza extravagante, com aqueles anéis de ouro ainda brilhando em seus dedos. Seus capangas estavam carregando bastões de beisebol, mas as mãos de Bart estavam vazias. Ele não tinha nenhuma arma, por outro lado, ele não precisava delas. Sua força de gigante seria mais que suficiente para lidar com a maioria dos problemas.

No entanto, Finnegan Lane não era a maioria dos problemas.

Eu me certifiquei de que minha arma estava pronta e saí do meu carro, batendo a porta forte o suficiente para chamar a atenção de Bart e seus capangas. Os três me observaram, enquanto eu caminhava pela rua e parava na frente deles.

Bart me olhou de cima a baixo, reconhecimento piscando em seus olhos. — Você novamente. Três vezes em um dia.

— Sim. — Eu sorri. — Eu sou como uma moeda falsa. Eu apenas continuo aparecendo.

Ele me estudou um pouco mais de perto, seu rosto se contorceu em um sorriso zombeteiro. — O que há com as roupas de ninja pretas? Você finalmente se livrou daquele terno barato?

— Não — eu disse. — Eu só não queria ter seu sangue sobre ele.

Suas sobrancelhas negras subiram em seu rosto com a minha ameaça casual, e os outros dois gigantes agarraram seus tacos de beisebol um pouco mais apertado, olhando para trás e para frente de mim para seu chefe, esperando ele dar o sinal para me atacar.

Os olhos de Bart se estreitaram. — Você tem alguma ideia de quem eu sou?

— Eu sei exatamente quem você é. Bart, o Açougueiro, o agenciador mais sádico de Ashland.

Ele assentiu. — Então você sabe por que estou aqui – e nada me impede de cobrar uma dívida.

Eu balancei a cabeça. — Isabelle não te deve nada. Você quer bater a merda de alguém, fale com o Paul.

— Ah, mas você vê, Paulie não tem dois centavos para esfregar juntos, enquanto a Sra. Vargas está prestes a receber um pagamento de seguro de vida muito bom. — Bart sorriu, mostrando os dentes para mim. — Mas então, você sabe tudo sobre isso, já que você é o motivo de seu marido estar morto. Certo, Finn?

Eu congelei ao som do meu nome.

— Oh, sim. — Bart zombou de mim novamente. — Eu sei exatamente quem você é. Finnegan Lane, um dos cachorrinhos de Gin Blanco. E sabe o que mais? Soube na notícia sobre essa tentativa de roubo na First Trust e como você abriu as portas da frente e deixou aqueles ladrões entrarem. Como se sente sendo feito de idiota? E pela sua própria mãe, não menos?

Ele jogou a cabeça para trás e riu, e seus dois capangas se juntaram com gargalhadas fortes.

Raiva em brasa se espalhou através de mim, junto com as amargas ondas familiares de culpa e vergonha, e minha bochechas queimaram de vergonha, apesar do ar frio. Mas eu me forcei a permanecer calmo apesar das provocações cruéis do gigante.

— Entre no seu carro, saia e nunca mais volte aqui — eu disse com os dentes cerrados. — E eu vou deixar você viver.

— *Você*? Vai *me* deixar viver? — A risada baixa e sinistra de Bart ecoou pela noite como um trovão na escuridão sinistra. — Oh, isso é fofo.

— Saia agora — eu avisei. — Ou você não vai gostar do que acontecerá a seguir.

Ele parou de rir e me olhou de novo. — Você sabe o quê? Eu talvez fosse um pouco intimidado por você, exceto por uma pequena coisa.

— O que é isso?

O gigante virou-se lentamente em um círculo e fez um grande show olhando para cima e para baixo na rua vazia antes de estender as mãos. — O fato de que Blanco não está aqui para apoiar as suas ameaças.

— Eu...

Eu comecei a dizer que eu não precisava de Gin para lutar minhas batalhas, mas Bart já havia se virado para seus capangas.

Ele acenou com a mão na minha direção. — Mate ele. Então venham até a casa, e nós vamos ter alguma diversão com a viúva de luto.

Bart riu novamente e começou a andar pelo gramado em direção à varanda.

Isabelle deve ter nos ouvido falar, porque estava em frente a uma das janelas. O gigante sorriu novamente, levantou a mão e enviou-lhe um beijo alto e estalado. Os olhos de Isabelle se arregalaram e ela correu para longe da janela, provavelmente para trancar a porta da frente, embora isso não retardaria Bart por mais de alguns segundos. Eu precisava parar o gigante antes que ele entrasse na casa e a machucasse.

Eu fui atrás dele, mas os dois capangas entraram na minha frente, bloqueando meu caminho. Os homens sorriram e bateram os bastões de beisebol nas mãos, tentando me intimidar. Eles pensavam que os bastões e sua inerente força de gigante tornava-os mais fortes do que eu.

Talvez. Mas tudo isso certamente não os tornava mais *inteligentes*.

Mesmo quando o primeiro gigante levantou sua arma e deu um passo em minha direção, eu tirei minha arma do bolso do meu casaco e atirei no joelho dele.

Pfft!

A arma silenciada mal fez um sussurro, mas o mesmo não pode ser dito do gigante, que gritou de dor, soltou o bastão e caiu no asfalto. Teria sido mais fácil atirar nele novamente, mas mais raiva surgiu através de mim, e eu decidi deixar isso sair. Então eu corri para frente, enterrei meus dedos em seu cabelo oleoso, e bati a cabeça contra o lado do SUV repetidamente, colocando tanta força atrás de cada golpe quanto eu pude.

Thwack-thwack-thwack

Três boas e sólidas pancadas depois, eu o soltei. Os gemidos do gigante abruptamente cortados, e ele caiu na rua, sangue jorrando dos cortes feios que eu tinha acabado de colocar em seu crânio. Eles combinavam com as mossas do SUV.

Ele não levantando-se levantaria dessas feridas – nunca, então eu me virei para o segundo cara, que já estava xingando, largando o bastão, e indo para a arma presa em sua cintura. Ele puxou a arma e a apontou para mim...

Pfft!

Mas eu fui mais rápido e atirei-lhe no peito antes que ele pudesse disparar. Ele caiu no chão sem um som, já morto pela bala que eu coloquei no coração dele.

Eu me virei e dei um passo à frente, pronto para correr até o gramado e matar Bart antes que ele invadisse a casa...

Crack!

Tarde demais, eu vi o gigante com o canto do meu olho, e ele bateu com o punho no lado do meu rosto.

A dor explodiu no meu queixo e irradiou em minhas têmporas, antes de envolver todo o meu crânio, apertando mais do que um torno. Estrelas brancas explodiram na frente dos meus olhos como fogos de artifício, e eu cambaleei para trás, sentindo como se tivesse sido atingido na cabeça por uma marreta. Bart percebeu que eu tinha lidado com seus homens, e ele voltou pelo gramado para me matar. Sorte minha.

— Você acha que pode *me* matar? — O gigante rosnou. — De jeito nenhum.

Mesmo que eu ainda estivesse tonto, eu pisquei as estrelas brancas da melhor maneira que pude e levantei minha arma. Bart rosnou, deu um passo para cima e deu um tapa na arma da minha mão antes que eu pudesse puxar o gatilho. Eu tentei rastrear o progresso da arma enquanto ela atravessava o gramado, mas estava escuro, e a arma desapareceu na grama.

Bart, no entanto, era fácil de ver, já que o bastardo estava bem na minha frente. E muito, muito grande.

O gigante soltou outro grunhido, abaixou a cabeça e investiu contra mim como um touro furioso. Mas eu não era um toureiro, e não consegui deslizar para o lado a tempo. Minha cabeça ainda estava girando tanto que eu não podia nem sair do caminho. Bart facilmente me agarrou pela cintura, me levantou no ar, e bateu meu corpo no chão como um linebacker da NFL. Eu era a pobre e infeliz bola de futebol que ele estava cravando. Touchdown, Bart.

Minha cabeça estalou contra o chão, fazendo mais dor disparar através do meu crânio e outra cascata de estrelas brancas explodir na frente dos meus olhos. Antes que eu pudesse pensar em me mexer, Bart se posicionou em cima de mim, sorriu e recuou os punhos.

Thud-thud-thud.

Bart, o Açougueiro, bateu com os punhos no meu peito uma e outra vez. Sua força gigante era ruim o suficiente, mas aqueles malditos anéis de ouro em seus dedos fizeram os golpes mais dolorosos. Era como ser espancado com um soco inglês, assim como eu pensava, mas pior, já que todos aqueles montes de diamantes em seus anéis cavavam nas minhas costelas com suas bordas afiadas e brilhantes, aumentando minha miséria.

Cada um dos socos do gigante enviou uma onda de dor em todo o meu peito, me dizendo que ele já tinha quebrado pelo menos duas costelas. Não demoraria muito para que ele quebrasse a maioria dos ossos completamente. Uma vez que isso acontecesse, tudo o que seria necessário seria um osso quebrado apunhalando um dos meus pulmões,

e eu chiaria até a morte aqui no gramado, sufocando com meu próprio sangue.

Eu estava em sério perigo de nunca me levantar desta luta, mas em vez de estar com medo, mais raiva quente rugiu através de mim.

Ele queria jogar sujo? Bem, eu também poderia.

Eu levantei meus polegares, tentando arrancar os olhos do bastardo, mas Bart apenas riu, deu um tapa nas minhas mãos e ergueu os anéis e os punhos para outra rodada...

Crack!

Um taco de beisebol bateu no ombro de Bart antes que ele pudesse começar a me atacar novamente, e de repente, Isabelle estava lá de pé sobre o gigante e puxando o bastão para trás para um segundo ataque.

— Deixe-o em paz! — Ela gritou.

Mas Bart foi mais rápido, e ele estendeu a mão e agarrou a ponta do bastão, puxando-o e ela para perto do seu corpo. — Eu vou lidar com você em breve — ele rosnou em seu rosto, em seguida, empurrou-a para longe.

Isabelle soltou um grito abafado, cambaleou para trás e caiu no chão, o taco de beisebol voando de suas mãos.

Enquanto Bart estava distraído, vasculhei o chão com as mãos, enfiando meus dedos através da terra e da grama, tentando desesperadamente encontrar minha arma. Eu não localizei a arma, mas meus dedos envolveram algo pesado e metálico, com bordas estranhas que cavaram na minha palma. Por um momento, eu não pude descobrir o que era, mas depois percebi que era o caminhão de bombeiros de Leo, o brinquedo que eu tinha tropeçado mais cedo hoje.

— E agora, de volta ao nosso evento principal — disse Bart quando ele puxou seus punhos de volta para me bater novamente.

Crack!

Eu peguei o caminhão de bombeiros e bati no lado de sua cabeça. O brinquedo não fez nenhum dano real, mas foi o suficiente para fazer o gigante grunhir de surpresa e cambalear. Deixei cair o brinquedo,

levantei e me afastei dele, embora os movimentos rápidos fizessem meu peito doer mais e fez mais estrelas brancas surgirem diante dos meus olhos.

Bart rosnou novamente e começou a se levantar, mas eu cerrei os dentes, afastei minha dor e chutei-o no rosto, fazendo-o cair para trás e no gramado. Enquanto isso, minha cabeça disparava para frente e para trás, para frente e para trás, ainda examinando o gramado em busca da minha arma. Um pequeno brilho de metal chamou minha atenção.

Lá.

— Seu pequeno punk! — Bart assobiou. — Você arruinou meu terno! Você vai pagar por isso!

O gigante rolou, se ajoelhou e se jogou para a frente, tentando me levar de volta ao chão para que ele pudesse acabar de me bater até a morte. Eu me esquivei de sua investida e me joguei para a frente, fazendo o meu melhor slide de zagueiro e esticando minha mão, tentando desesperadamente tirar minha arma da grama antes que ele me pegasse novamente.

— Você não vai escapar tão fácil — ele rosnou.

Meus dedos se fecharam sobre o metal frio. Bart agarrou meu braço e me pôs de pé, levantando seu punho para outro golpe.

Eu me virei, empurrei minha arma contra seu corpo e disparei.

Pfft! Pfft! Pfft!

Eu atirei no bastardo três vezes no intestino.

Sangue jorrou em cima de nós dois, as gotas picando minha mão como cera de vela quente. Bart cambaleou para trás, uma expressão chocada no rosto. Ele olhou para baixo, observando como mais sangue manchava sua camisa, junto com o resto de seu elegante terno cinza.

— Eu te disse que eu não queria ter seu sangue no meu terno — eu sibilei.

A cabeça do gigante balançou, quase como se ele estivesse concordando comigo, e então ele caiu no chão e ficou lá.

Capítulo 7

Uma vez que eu tinha certeza de que Bart, o Açougueiro, estava morto, bem, massacrado, eu coloquei minhas mãos em meus joelhos, piscando e afastando a última das estrelas brancas. Cada respiração que eu dava através das minhas costelas doloridas, machucadas e quebradas doía, mas a dor era melhor do que não respirar mais.

Isabelle lentamente se levantou e se sentou. Ela piscou algumas vezes, sacudindo a sua própria queda brusca, e olhou para o corpo de Bart, que agora estava decorando seu gramado como um gnomo de jardim.

— Você... você o matou — ela sussurrou.

— Sim. E seus amigos também.

Ela olhou para os dois gigantes que estavam ao lado do SUV, tão mortos quanto seu chefe. Seu rosto empalideceu um pouco mais e ela levantou a mão trêmula para o coração. — O que, o que eu vou fazer? Há três gigantes mortos na minha casa!

Eu me arrastei e me agachei na frente dela, olhando em seus olhos cor de avelã. — Você não vai fazer qualquer coisa. Até onde você sabe, nada aconteceu aqui. Se por acaso alguém apareça fazendo perguntas, você estava dentro de casa com Leo a noite toda, e você não viu ou ouviu qualquer coisa. Ok?

Ela ficou olhando para mim com os olhos arregalados e em pânico, então tornei minha voz ainda mais gentil.

— Não se preocupe — eu disse. — Eu vou cuidar de tudo. Isso não será afetada, eu prometo. Você confia em mim?

Isabelle olhou para mim, depois para a arma na minha mão e depois para os três gigantes mortos. Ela empalideceu, como se estivesse doente, mas conseguiu diminuir o medo e a ansiedade. — Eu acho que não tenho uma escolha.

— Não realmente — eu concordei. — Agora, me faça um favor. Vá para dentro, se limpe e verifique seu filho.

Ela abriu a boca como se fosse argumentar, mas depois de um momento, ela apertou os lábios e sacudiu a cabeça. Ela me deixou ajudá-la a se levantar, depois correu pelo gramado até os degraus da varanda da frente e desapareceu na casa.

Esperei alguns segundos, até ter certeza de que ela não voltaria e tirei meu celular do bolso da minha jaqueta. Ainda estava inteiro e eu apertei um número na discagem rápida. A pessoa do outro lado atendeu imediatamente.

— Sim? — Uma voz áspera encheu meu ouvido.

— É Finn. Eu preciso de um favor. Da variedade grande.

Silêncio. — Quantos?

— Três.

Eu podia ouvir o sorriso em sua voz quando ela me respondeu. — Eu estarei aí.

* * *

Vinte minutos depois, um clássico conversível com aletas arrebatadoras parou em frente à casa dos Vargas. A porta do motorista se abriu e uma mulher saiu. Ela era uma anã, um pouco mais de um mero e meio de altura, com um corpo forte e musculoso. Ela parecia que deveria estar fazendo trabalhos de manutenção, dado seu macacão preto e botas pesadas, mas sua especialidade era definitivamente de limpeza. Sophia Deveraux, a cozinheira chefe do Pork Pit e minha descartadora de corpos.

Do meu lugar nos degraus da varanda, acenei para Sophia, depois me levantei e a encontrei no meio do gramado. Ela olhou para a forma amassada de Bart e as dos dois gigantes perto do SUV no meio-fio.

— Parece que alguém se divertiu esta noite — ela murmurou em sua voz áspera e quebrada.

Eu comecei a rir, mas tive que parar por causa das minhas costelas machucadas. — Não exatamente. Mas eu preciso que você me ajude a fazer esses caras desaparecerem, junto com o SUV deles. Você vai fazer isso por mim?

Ela sorriu, estendeu a mão e beliscou minha bochecha como se eu fosse uma criança. — Sempre.

Eu revirei meus olhos. Sophia riu e nós dois começamos a trabalhar. Ela tirou uma fita métrica de um de seus bolsos de macacão, usando-o para descobrir a melhor maneira de colocar os corpos dos gigantes no porta-malas enorme de seu conversível. Então nós dois arrastamos os corpos para o carro dela e os colocamos dentro.

Na verdade, Sophia fez todo o trabalho pesado com sua impressionante força anã, e eu apenas supervisionei, dadas minhas costelas doloridas. Enquanto ela movia os corpos, eu dei a ela um breve resumo de tudo que aconteceu.

— Pobre família— ela disse quando eu terminei.

— Sim. Mas pelo menos esse cara não vai mais incomodá-los.

— Boa viagem — ela murmurou, e fechou o porta-malas nos gigantes mortos.

Eu não pude concordar mais.

Sophia tirou as chaves do carro do bolso, pronta para levar os corpos para um lugar que era melhor não se saber, mas eu estendi a mão e gentilmente peguei seu braço. Havia mais uma coisa que eu precisava que ela fizesse.

— Por favor, não diga a Gin ou Bria sobre isso. Ok?

As sobrancelhas de Sophia se ergueram, mas depois de um momento, a compreensão encheu seu olhar negro. — Você não quer que elas se preocupem.

Eu fiz uma careta. — Não. Não mais do que elas já estão se preocupando comigo. Assim como você, Jo-Jo e todos os demais nas últimas semanas. Então vamos apenas manter isso entre nós, Ok?

Sophia assentiu. — Ok.

Eu estendi a mão e a abracei, e ela me abraçou de volta ainda mais forte, apertando minhas costas e causando novas dores e feridas para atravessar meu corpo.

— Costelas... costelas machucadas... lembra? — Eu falei.

Sophia riu e deixou cair os braços. Ela piscou para mim, beliscou minha bochecha novamente, entrou em seu carro, e foi embora.

Eu fiquei parado no meio-fio, esfregando meu peito e lentamente inspirando e expirando. Aquela mulher não conhecia sua própria força. Mas essa era uma das coisas que eu amava nela.

Agora que os corpos se foram, havia apenas uma coisa a fazer. Eu avancei pelo gramado até os degraus do alpendre da frente. Isabelle estava olhando sorrateiramente para Sophia e eu através das janelas, e ela saiu para a varanda.

— Os corpos se foram — eu disse. — Sophia vai voltar para buscar o SUV de Bart amanhã de manhã no mais tardar e se livrar dele também. Tudo foi resolvido. Você e Leo devem ter alguma paz agora.

— Eu acabei de verificar ele — disse ela. — Ele dormiu com a coisa toda.

— Isso é bom.

Ela assentiu. — Eu quero te agradecer. Por me salvar. Por salvar meu filho. Você estava certo. Bart teria nos machucado muito esta noite, talvez até nos matasse.

— Você não precisa me agradecer. Era o mínimo que eu poderia fazer.

Ela bufou. — As pessoas sempre dizem isso, mas elas raramente fazem qualquer coisa.

Eu não pude discutir com isso.

Nós ficamos na varanda, ambos mudando de pé, sem saber o que mais dizer. Finalmente, Isabelle endireitou os ombros, levantou o queixo

e me olhou nos olhos. — Sinto muito que eu culpei você pela morte do meu marido. O Sr. Mosley me contou o que aconteceu com você no banco. Como você foi torturado durante o assalto... por sua mãe.

Eu estremeci. — Mosley contou o que aconteceu? Ele contou sobre minha mãe?

— Sim, hoje cedo, quando ele estava aqui na casa com os outros presentes. Eu ouvi os rumores, claro, mas ele me levou para um canto e explicou tudo para mim em particular. — Isabelle balançou a cabeça. — Você não merecia isso. Ninguém merece isso. Especialmente da sua própria mãe, a pessoa que deveria proteger e amar você acima de tudo.

Eu não poderia discutir com isso também.

— Você é um bom homem, Finnegan Lane — ela disse em uma voz suave. — Eu espero que você encontre uma maneira de passar por tudo isso.

Minha garganta se fechou e lágrimas queimaram meus olhos com seu tom simpático. Eu não merecia a sua compreensão, muito menos sua simpatia. E, no entanto, aqui estava ela, dando para mim de qualquer maneira. Isabelle Vargas era uma boa mulher e uma pessoa muito melhor do que eu.

— Mamãe? O que está acontecendo?

Nós dois olhamos para ver Leo em pé na porta, esfregando o sono de seus olhos e segurando um pinguim de pelúcia no peito dele.

— Mamãe está apenas conversando com um amigo — disse Isabelle. — Volte para dentro, e eu vou entrar e te colocar na cama em breve. Ok?

— Ok. — Leo bocejou e desapareceu de volta na casa.

Isabelle esperou até que ele se foi, então me encarou novamente. — Eu não sei como posso pagar você.

Eu balancei a cabeça. — Não há necessidade disso. Estou feliz que você e Leo estejam seguros agora. Você é uma ótima mãe. Aquele garotinho tem sorte de ter você.

Isabelle sorriu para mim por um breve momento antes de voltar para sua casa.

Eu esperei até que ela tivesse fechado e trancado a porta da frente, então caminhei para o meu carro. Eu entrei, liguei o motor, e o aquecedor. Enquanto eu esperava o veículo aquecer, olhei de volta para a casa.

Através das janelas, pude ver Isabelle pegando Leo e abraçando-o com força. Ela desligou as luzes do andar de baixo e eles desapareceram na escuridão.

A culpa familiar me encheu com o pensamento de que Peter não estava com eles e que a família deles não estava mais completa, mas as bordas afiadas tinham se suavizado um pouco. Eu fiz muitas coisas erradas quando Deirdre veio para a cidade, mas hoje eu finalmente fiz algo certo.

— Durma bem, pessoal — eu sussurrei para Isabelle e Leo, mesmo que eles não pudessem me ouvir.

Eu sorri, coloquei meu carro em marcha e fui embora, sentindo-me melhor do que em semanas.

Capítulo 8

Apesar do fato de que eu quase fui espancado até a morte por um gigante, minha noite ainda não havia acabado. Longe disso.

Stuart Mosley me enviou várias mensagens de textos enquanto eu estava lidando com Bart, o Açougueiro, perguntando onde eu estava e porque eu não ainda estava no banco ajudando-o com os cofres de segurança. O tom de cada texto era mais afiado e exigente do que o anterior, indicando que se eu não levasse a bunda para o banco o mais rápido possível, eu poderia não me incomodar em voltar mais uma vez.

Eu dirigi até o banco, estacionei meu carro e bati nas portas da frente. O guarda gigante em pé do lado de dentro, olhou o sangue e hematomas no meu rosto, mas ele não me fez nenhuma pergunta enquanto abria as portas. Sem dúvida, ele achava que eu tinha conseguido uma surra ricamente merecida por tudo que havia acontecido. Ele não estava errado sobre isso.

Mas eu não podia deixar Mosley me ver assim, então desci as escadas para o meu escritório para trocar as minhas roupas cobertas de sangue, sujeira e grama.

A porta do meu escritório estava aberta, um raio de luz se derramando no corredor do porão. Eu fiz uma careta, empurrei a porta e entrei. Esquisito. Eu não me lembrava de deixar meu escritório destrancado ou as luzes acesas quando saí mais cedo...

Minha cadeira girou e Stuart Mosley estava sentado lá.

Eu gritei e cambaleei até contra a porta. — O que você está fazendo aqui? Você quase me deu um ataque cardíaco!

O anão arqueou as sobrancelhas espessas no meu tom áspero e acusador. — Bem, é meu banco, Finn, então eu posso ir a qualquer lugar que eu queira, incluindo seu escritório.

Eu estremeci e abaixei a cabeça em um pedido de desculpas silencioso. Todo o tempo, porém, eu estava de olho para a porta do banheiro do outro lado do escritório, imaginando como eu poderia educadamente entrar lá sem Mosley perceber meu rosto machucado ou, pior ainda, todo o sangue e sujeira em minhas roupas.

O anão cruzou os braços sobre o paletó impecável. — Era hora de você aparecer — ele rosnou. — Eu não achei que você levaria tanto tempo para lidar com esse gigante agenciador. Você não come normalmente caras assim no café da manhã?

Por um momento, suas palavras não foram registradas, mas quando finalmente afundaram no meu cérebro, minha cabeça virou e minha boca abriu de surpresa.

— Você sabia sobre o Bart, o Açougueiro? Que ele estava ameaçando Isabelle?

Mosley zombou. — Claro que eu sabia. Eu sei tudo o que acontece por aqui especialmente sobre os meus funcionários.

— Mas, mas como?

— Peter veio até mim há cerca de um mês, querendo fazer uma segunda hipoteca em sua casa. Ele disse sobre as dívidas de jogo de seu irmão e sobre como Bart Wilcox estava pressionando-o a pagar ou então… — Mosley disse. — Então, logo após a morte de Peter, Isabelle veio até mim, perguntando o quão rápido ela poderia obter o dinheiro do seu seguro de vida. Não foi difícil colocar dois e dois juntos.

Compreensão passou por mim. — É por isso que você queria que eu andasse com Isabelle até lá fora esta manhã e fosse para a casa dela depois do funeral. Você sabia que Bart estaria do lado de fora do banco esperando por ela, e você sabia que ele provavelmente apareceria na casa dela também, tentando conseguir o dinheiro dele.

Mosley deu-me um encolher de ombros evasivo.

— Mas por quê? — Perguntei. — Por que você queria que eu soubesse sobre os problemas de Isabelle com o Bart?

O anão se inclinou para frente, apoiou os cotovelos na minha mesa, juntou as mãos e me deu um olhar de aço. — Eu queria ver o quanto de seu pai você realmente tinha.

E assim, tudo fazia sentido. Eu sempre soube que Mosley e papai tinham sido amigos. Papai foi quem me ajudou a conseguir meu primeiro estágio no banco. Mas aparentemente, Mosley também sabia sobre a propensão de meu pai para ajudar pessoas que não conseguiam se virar sozinhas, tanto como o empresário Fletcher Lane, quanto como o assassino o Homem de Lata.

— Seu filho da puta, — eu murmurei. — Você armou para mim.

Um leve sorriso apareceu no rosto de Mosley. — Eu prefiro pensar nisso como uma solução criativa de problemas. — Ele arqueou suas sobrancelhas para mim novamente. — Eu acredito que a situação foi tratada para satisfação da Sra. Vargas?

— Bem, eu não diria que ela estava satisfeita com o quintal ensanguentado, mas esses homens certamente não irão incomodá-la nunca mais, — eu disse em um tom irônico.

Mosley assentiu, ignorando meu sarcasmo. — Bom. Vou ligar para ela logo de manhã e dizer-lhe que o seguro de vida foi pago integralmente.

Meus olhos se estreitaram. — Espere um segundo. Você teve o dinheiro do seguro de vida o tempo todo? Por que você não foi em frente e deu a ela? Ou pelo menos se ofereceu para ajudá-la a se livrar de Bart você mesmo?

Ele deu de ombros novamente. — Porque eu sabia que Isabelle seria orgulhosa demais aceitar qualquer ajuda que eu pudesse oferecer a ela, assim como Peter era orgulhoso demais para aceitar quando eu ofereci a ele. Eu queria ter certeza de que Isabelle e seu filho seriam atendidos pelo resto de suas vidas. Não ter que usar todo esse dinheiro

em uma dívida que não era deles. Agora, graças a você, tenho certeza disso. Eu fiz a coisa certa por Peter. Nós dois fizemos.

Eu fiquei ali como um idiota, minha boca ainda boquiaberta, tentando entender tudo. Eu sempre soube que Mosley era inteligente, mas eu não imaginava que ele fosse tão esperto. Ele colocou os eventos em movimento, então sentou-se e assistiu enquanto tudo estava no lugar exatamente do jeito que ele queria. Eu não sei se admiro ou fico zangado com suas manipulações.

Mas ele estava certo sobre uma coisa: Isabelle e Leo estavam melhores por causa do que eu tinha feito hoje à noite.

Mosley levantou-se, abotoou o paletó e deu a volta na minha mesa. Ele parou bem na minha frente, examinando os hematomas no meu rosto e as manchas de sangue nas minhas roupas.

— Vá limpar-se, Finn — disse ele em uma voz mais gentil. — Então me encontre no cofre em vinte minutos. Ainda temos trabalho a fazer esta noite.

Desta vez, foi realmente um pedido em vez de uma ordem.

Eu assenti. — Sim, senhor.

— Bom homem. — Mosley estendeu a mão, bateu no meu ombro e saiu do meu escritório.

Eu balancei a cabeça, ainda tentando envolver minha mente em torno desta nova revelação, então fiz como ele pediu. Quinze minutos depois, eu tinha tomado banho, vestido um terno novo e passado uma boa quantidade de pomada de cura da Jo-Jo no meu rosto e costelas. Eu ainda sofria com cada respiração que eu dava, mas a magia na pomada da Elemental do Ar aliviou o pior da dor.

Fui até a minha mesa para pegar algumas pastas, e meu olhar se fixou na runa do coração de pingentes de gelo de Deirdre, ainda apoiada no prato de doces. Os diamantes recortados brilhavam como sempre, apesar de todas as coisas feias que aconteceram entre minha mãe e eu.

Peguei o colar e o levantei, observando-o balançar para frente e para trás como o pêndulo de um relógio assinalando todos os meus erros. Olhar para a runa de Deirdre ainda doía, assim como pensar em tudo o

que ela fez para mim e todas as pessoas que morreram como resultado de seu esquema distorcido. Mas isso não me encheu de tanto sofrimento quanto antes. Eu não sabia o que eu faria com o colar, mas por agora, eu deixaria aqui, como um lembrete de sua traição e da promessa que fiz na sepultura de Peter Vargas. Eu não podia mudar o que Deirdre fez ou trazer de volta os guardas que ela matou, mas eu poderia cuidar de seus entes queridos que foram deixados para trás.

Se eles quisessem ou não.

— Finn! — Mosley berrou no corredor. — Você não está pronto ainda?

— Sim, senhor! Estou indo, senhor! — Eu gritei.

Eu cuidadosamente aninhei a runa de Deirdre no prato de doces, peguei as pastas e saí do escritório.

Era hora de voltar ao trabalho – em mais de uma maneira.